

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

DANIEL CLÓS CESAR

**ENSINO DE HISTÓRIA DAS RELIGIÕES:
CRISTIANISMO, ISLÃ E JUDAÍSMO NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS**

**CAXIAS DO SUL
2015**

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

DANIEL CLÓS CESAR

**ENSINO DE HISTÓRIA DAS RELIGIÕES:
CRISTIANISMO, ISLÃ E JUDAÍSMO NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS**

Dissertação de Mestrado. Defesa de
Mestrado. Universidade de Caxias do Sul.
História das Religiões e Quadrinhos.

Orientadora Profa. Dra. Cristine Fortes Lia

**CAXIAS DO SUL
2015**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
UCS - BICE - Processamento Técnico

C491e Cesar, Daniel Clós, 1980-

Ensino de história das religiões : Cristianismo, Islã e Judaísmo nas histórias em quadrinhos / Daniel Clós Cesar. – 2015.
58 f. : il. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado) – Universidade de Caxias do Sul, Programa de Mestrado em História, 2015.

Orientação: Profa. Dra. Cristine Fortes Lia.

1. Religião - História. 2. Religião - Estudo e ensino. 3. Cristianismo. 4. Islamismo. 5. Judaísmo. I. Título.

CDU 2. ed.: 2(091)

Índice para o catálogo sistemático:

1. Religião - História	2(091)
2. Religião - Estudo e ensino	37.016:2
3. Cristianismo	27
4. Islamismo	28
5. Judaísmo	267

Catalogação na fonte elaborada pela bibliotecária
Paula Fernanda Fedatto Leal – CRB 10/2291

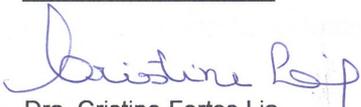
ENSINO DE HISTÓRIA DAS RELIGIÕES: CRISTIANISMO, ISLÃ E JUDAÍSMO NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Daniel Clós Cesar

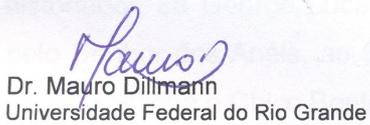
Trabalho de Conclusão de Mestrado submetido à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em História, Área de Concentração: Ensino de História: Fontes e Linguagens. Linha de Pesquisa: Fontes e Acervos na Pesquisa e Docência em História.

Caxias do Sul, 20 de outubro de 2015.

Banca Examinadora:



Dra. Cristine Fortes Lia
Universidade de Caxias do Sul



Dr. Mauro Dillmann
Universidade Federal do Rio Grande



Dra. Marília Conforto
Universidade de Caxias do Sul

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus que esteve ao meu lado... inclusive quando todos os psicólogos que contratei durante meu mestrado me abandonaram;

Agradeço a minha esposa, mais linda que Carrie Fisher ou Natalie Portman... que mesmo sem entender bem a importância do que eu fazia me apoiou e suportou meu humor gangorra neste período;

A meus pais que sempre foram conselheiros... inclusive me aconselhando a fazer algo útil da minha vida... por isso fiz História;

A minha orientadora no mestrado Cristine Lia... que deve ter se acostumado com meus prazos elásticos;

Aos meus amigos, que sempre mentiram para mim dizendo que queriam ler meu livro depois de pronto. Eu sei que era uma forma de me apoiar e aos meus colegas de mestrado, que me suportaram por três semestres, e deviam dar graças a Deus (mesmo os ateus), quando eu faltava;

Ao Netflix, por proporcionar filmes e séries por um preço que cabe no bolso de um historiador, ao George Lucas, por ter criado o universo Star War, ao J. R. R. Tolkien, pelo Senhor dos Anéis, ao Stan Lee, pelos heróis da Marvel e ao Maurício de Souza, pelo Cebolinha e Chico Bento;

A John Pemberton, por inventar a fórmula do melhor removedor de ferrugem e antidepressivo já criado pelo homem;

... e a Laura, minha filha muito fofo, que nasceu quando eu concluía este trabalho e que me proporcionou desenvolver novas habilidades.

“Always pass on what you have learned.”

Yoda
Grand Master of the Jedi Order

RESUMO

A intenção deste trabalho é apresentar uma ferramenta relativamente nova no cenário da Educação formal para um tema igualmente novo no cenário do ensino de História. Nesta dissertação foi realizada uma pesquisa para descrever como histórias em quadrinhos e História das Religiões se relacionam e podem ser utilizadas em sala de aula para produção de conhecimento.

A pesquisa buscou em programas do governo federal e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional o fundamento para a necessidade de aprofundamento e uso deste tema e ferramenta na sala de aula. Fazendo um levantamento histórico do uso dos quadrinhos na Educação e da forma como ensino de História das Religiões é apresentado em sala de aula, principalmente pelos livros didáticos do ensino fundamental e médio.

Por fim, apresentam-se modelos de atividades que podem ser utilizadas pelo docente para desconstruir pré-conceitos que estereotipam e distorcem a religião e auxiliam numa construção que visa conceitos de tolerância e alteridade.

RESUMEN

La intención de este trabajo es presentar una herramienta relativamente nueva en el ámbito de la educación formal de un tema igual de nuevo en la enseñanza de ajuste de la historia. En esta tesis se realizó una encuesta para describir cómo los cómics y Historia de las religiones están relacionados y se pueden utilizar en el aula para la producción de conocimiento.

La investigación buscó en los programas del gobierno federal y Ley de Directrices y Bases de la Educación Nacional de las bases para la necesidad de seguir y utilizar este tema y una herramienta en el aula. Haciendo un repaso histórico de la utilización de los cómics en la educación y cómo las religiones de enseñanza de la historia se presenta en el salón de clases, especialmente los libros de texto de educación primaria y secundaria.

Por último, se presentan actividades de plantillas que pueden ser utilizadas por los maestros para deconstruir las ideas preconcebidas que estereotipo y distorsionar la religión y ayudar en la construcción destinada a los conceptos de tolerancia y la alteridad.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – <i>The Yellow Kid and his new phonograph</i> publicada em 25 de outubro de 1896 no <i>New York Journal</i> . Observa-se a estrutura sequencial de imagens e textos em balões	17
Figura 2 – Capa da edição nº 2 da revista <i>Picture Stories from the Bible</i> da edição nº 1 da revista <i>Picutres Stories from World History</i> . Na primeira a capa apresenta a história da entrada de Cristo em Jerusalém e na outra edição “O Mundo Antigo até a queda de Roma”	22
Figura 3 – Capas das histórias em quadrinhos selecionados pelo FNDE/PNBE entre os anos de 2006 e 2013	25
Figura 4 – <i>Interfaith Dialogue</i> . Charge do cartunista italiano Giacomo Cardelli para o site <i>Cartoon Movement</i>	28
Figura 5 – A tradição de rezar antes de dormir é representada em história da edição Nº 88 de Chico Bento	30
Figura 6 – O Véu. Capítulo de abertura da auto-biografia de Marjane Satrapi. O livro <i>Persépolis</i> foi incluído pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação no Programa Nacional Biblioteca na Escola (FNDE/PNBE) em 2010	32
FIGURA 7 – Tira do Livro ‘Deus segundo Laerte’ (2002)	47
FIGURA 8 – The Pope in Africa, charge de Giacomo Cardelli para a Atividade 3	49
FIGURA 9 - Cena do livro ‘Notas sobre Gaza’ de Joe Sacco. Na atividade o diálogo dos balões é apagado para que aluno possa construir o seu próprio roteiro	50

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
QUADRINHOS E ARTE SEQUENCIAL: UM MUITO BREVE HISTÓRICO	17
QUADRINHOS E RELIGIOSIDADE: COMBINAÇÃO INCOMUM	22
É POSSÍVEL ENSINAR UTILIZANDO DESENHOS COM FRASES EM BALÕES?	35
HISTÓRIA DAS RELIGIÕES E NÃO ENSINO RELIGIOSO	38
UM MÉTODO DE ENSINO	42
COMO USAR OS QUADRINHOS NA SALA DE AULA: PROPOSTAS DE ATIVIDADES	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	59

INTRODUÇÃO

Escrever sobre história das religiões é um assunto relativamente novo, isso se levarmos em conta o campo de conhecimento da História, diferente de outros campos do conhecimento como a Filosofia, a Antropologia e o da Sociologia. Mas quando nos atermos ao campo da historiografia, a abordagem, principalmente nos livros didáticos, é limitada e bastante conservadora.

História das religiões é comumente confundida com ensino religioso. Ensinar história das religiões para muitos professores de história é incomodo, pois muitos tendem a ver o ensino de história das religiões como defesa de um credo ou disseminação de uma religião. Cristine Lia afirma que esse afastamento provém de uma tendência em “confirmar a secularização da sociedade” (2012, p. 551), o que condenou a marginalidade do conhecimento histórico.

O ensino de história das religiões no ensino médio e fundamental é quase inexistente. O que existe é um apanhado de pequenos quadros explicativos – que pouco ou nada explicam – sobre religiões do passado. Esses quadros e comentários encontrados nos livros didáticos vão na contramão dos temas transversais como a pluralidade cultural, pois não são utilizados para criar mecanismos de integração e aproximação os diferentes credos, pelo contrário, apenas reforçam visões de dominação, preconceito em relação a povos onde o atraso cultural é considerada uma consequência da religião e afastamento do diferente.

Percebe-se ainda, principalmente nos livros didático, uma desconexão do ensino das religiões e religiosidades com o ensino de história. Ainda que a própria historiografia afirme, de alguma forma, profunda ligação da religião com o Estado, com o cidadão, com a cultura e como modo de vida de diferentes sociedades, ao chegar na sala de aula este conhecimento é descaracterizado e transformado em “partículas de saber” ministrados em doses desconexas que como afirma Cristine Lia, visa apenas o “exótico” (2012. p. 551) e não como fator que modela e define comportamentos sociais.

No entanto como podemos ensinar a história dos primeiros povos daquilo que hoje chamamos América se, a religião – ou religiosidade – algo intensamente intrínseco a vida dos ameríndios, é posto como algo secundário e pouco relevante? Como é

possível administrar a separação do cotidiano dos índios americanos ou dos egípcios da religião, quando seus calendários agrários, suas práticas de caça e pesca, seus atos de guerra e a própria escolha de seus líderes eram guiadas pelas deidades por eles criadas?

Segue-se a isso uma grande produção de comentários e quadros temáticos nos livros de história do ensino fundamental e médio que fazem apenas classificações e generalizações (pouca ou nenhuma distinção entre os diferentes grupos étnicos), entre povos monoteístas e politeístas, ao antropomorfismo dos deuses e um modelo que se aproxima de quadros comparativos religiosos, que por fim, acabam por premiar determinadas crenças em detrimento de outras, que na forma que são apresentadas parecem representar povos atrasados, derrotados e esquecidos. O que em seu “auge” era significativo para a construção de uma sociedade é hoje abordado como simples fato mitológico de um povo antigo e que não possui nenhuma conexão com o presente, como explicam Lia e Balem (2013. p. 140):

O ensino de religiosidades é, muitas vezes, percebido dentro deste contexto, que considera obsoleta a abordagem dos processos de crenças e mitos das civilizações, por serem temas cronologicamente distanciados do mundo contemporâneo. E, portanto, não constituem matriz explicativa para os acontecimentos do presente.

Distante no entanto do que é escrito e publicado, principalmente nos materiais didáticos, o ensino de história das religiões é muito mais relevante que um pequeno quadro “não-explicativo”, pois em nenhum momento da história humana a religião ou as religiosidades estiveram fora do contexto social. A experiência religiosa faz parte de qualquer sociedade antiga ou contemporânea. Se no passado, diferentes grupos utilizaram a religião como elemento agregador na construção de cosmovisões de sociedade, no presente a religião continua como uma marca indelével na sociedade, seja quando ela serve para defender posicionamentos, seja quando ela é o alvo como algo que deve ser abolido, tornando com que a própria negação da religião demonstre sua importância na construção de uma sociedade e seu impacto na cultura de um povo.

De grande importância para este trabalho é o conceito de religião que será utilizado. Trata-se de uma questão delicada, pois recentemente¹ (Maio de 2014), a Justiça Federal do Rio de Janeiro não considerou o candomblé e a umbanda religiões. Sob acusações de intolerância religiosa e reafirmação de estereótipos desqualificadores, a Justiça Federal do Rio de Janeiro reconsiderou o conceito empregado na primeira decisão judicial.

No entanto, para fins acadêmicos, é necessário encontrar uma base mais sólida para nos orientar, para tanto, o conceito de religião que será utilizado neste trabalho é o mesmo empregado pela Sociologia em apontar como religião aquelas que possuem um mito criador e um texto sagrado. Este estudo foca-se nas religiões monoteístas: Islã, Cristianismo e Judaísmo, pois como afirmam Lia e Radünz: “o estudo de história das religiosidades ainda carece de uma base conceitual própria, o que promove a manutenção de ideias obsoletas nas definições de termos para pesquisas” (2013. p. 245).

Logo: “Entende-se por religião as crenças professadas por judeus, cristãos e muçulmanos; por serem aquelas que apresentam narrativa de mito criador: uma única divindade, um deus, que criou todas as coisas. Nesse sentido, teriam religião os grupos historicamente monoteístas e, os fiéis de outras crenças, seriam portadores de religiosidades” (LIA; RADÜNZ. 2013. p. 245). Isso não significa que as religiões monoteístas são consideradas neste trabalho como hierarquicamente superiores as demais representações religiosas, não existe nenhum suporte para fazer tal afirmação ou defender a hierarquia religiosa.

Como então trabalhar a história das religiões se o que temos disponível na escola hoje são apenas quadros explicativos em livros didáticos? Desde 2006 o Governo Federal tem adotado livros de histórias em quadrinhos (HQs) como parte de seu Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), um número bastante significativo de HQs têm sido produzidas e publicadas por este programa, entre obras originais nacionais e internacionais, além de adaptações de literatura tradicional brasileira e estrangeira.

¹ Fonte:<<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/05/1455758-umbanda-e-candomble-nao-sao-religoes-diz-juiz-federal.shtml>> Acesso em: 18/07/2014.

Se diferente do ensino de história das religiões, o uso de HQs em sala de aula não possa ser considerado um tema relativamente novo, pois não é difícil desde a década de 1990, encontrar um bom número de títulos tratando do assunto. Apesar disso histórias em quadrinhos são vistas com bastante regularidade como uma leitura secundária, uma arte menos nobre e portanto menos importante para o ensino, seja de história, literatura ou matemática.

Imediatamente o que se observa é que, tanto o ensino da história das religiões como as histórias em quadrinhos, têm interpretações equivocadas daquilo que realmente são e podem “fazer” em sala de aula. Ensino de história das religiões não é ensino religioso. Por meio do ensino religioso é possível conhecer uma civilização muito mais profundamente do que se poderia por meio de uma construção sem sentido, que recebe apenas um significado quando a religião se faz presente, como no caso das pirâmides maias da península de Yucatán no México.

Quanto aos quadrinhos, ainda que mesmo programas do governo e educadores tentem conceituar HQs como um “tipo” de literatura, e por consequência desse conceito, uma literatura secundária, um tipo de “iniciação para leituras mais profundas e complexas”, como afirma Ramos: “quadrinhos são quadrinhos” (2012. p. 17), logo, precisam ser vistos como uma linguagem autônoma de outras, tanto em sua criação como em sua concepção.

Ao observar diferentes ferramentas de ensino, percebe-se que as histórias em quadrinhos, por peculiaridades como: a união da imagem e do texto, a universalização de sua leitura e a possibilidade de sua produção por qualquer pessoa com um simples lápis, tornam-se uma ferramenta singular no ensino de história das religiões, pois, dialoga com a ilustração, com a literatura, com a fotografia, com o cinema etc.

Cabe também salientar algumas semelhanças dos quadrinhos com o ensino de história: são narrativas; apresentam personagens e fazem uso da imagem como ilustração do texto escrito (aqui fazendo uma distinção do texto imagem para o texto escrito). Logo, ainda que um professor de história tenha pouco acesso a histórias em quadrinhos e elas não façam parte de sua leitura cotidiana, o formato e a construção de uma HQ não é muito diferente da construção de uma narrativa histórica, uma história em quadrinhos é basicamente uma narrativa.

Assim, essa pesquisa se propõe a estabelecer uma relação entre história das religiões e histórias em quadrinhos para o ensino de História. Em relação as fontes, segue-se duas linhas. A primeira terá como base o Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE) do Governo Federal que desde 2006 adota histórias em quadrinhos nos seus editais. A segunda, será destacar publicações recente de editoras nacionais e não esgotadas, entre os anos de 1990 e 2014, que possam ser utilizadas como base para a produção de material de ensino de história das religiões, dando preferência ao modelo de Novelas Gráficas, um tipo de histórias em quadrinhos que melhor explicaremos adiante. Essa limitação se dá pelo fato de as Novelas Gráficas (*Graphic Novel*) ser o modelo mais adotado nas escolhas do Governo Federal em seu programa de compra de livros para bibliotecas de escolas públicas (PNBE) e por ser uma proposta de história em quadrinhos que dedica-se a narrativas com temas mais complexos, como narrativas históricas, biografias e jornalismo em quadrinhos.

Para tanto, este estudo se dividirá em três momentos distintos. O primeiro, é uma análise do que a historiografia brasileira e internacional têm produzido em relação ao ensino de história das religiões. Essa análise historiográfica se focará principalmente na produção dos últimos anos do século XXI. No entanto, devido a produção no campo da historiografia ainda ser incipiente, serão analisados alguns trabalhos produzidos nos de 1990.

Também será construído um breve histórico sobre histórias em quadrinhos. Apontando os altos e baixos dessa arte como um objeto de ensino e aprendizagem, algo que é possível identificar quando se analisa o próprio histórico do mercado editorial de quadrinhos, que teve sua maior crise nos anos 1940/1950 e que talvez viva seu maior apogeu nos anos 2000/2010, influenciados no exterior pela inovação tecnológica do cinema que propiciou o mundo do fantástico e impossível dos quadrinhos ganhasse as grandes telas e no Brasil com o incentivo milionário do Governo Federal para leitura infanto-juvenil, principalmente com o Programa Nacional Biblioteca na Escola, que seleciona ininterruptamente histórias em quadrinhos para seu programa desde 2006 e tem sido um incentivador as editoras nacionais.

O segundo momento trata-se da análise das fontes, neste caso, as histórias em quadrinhos. Como a religião ou as religiosidades são vistas, interpretadas,

caracterizadas e expostas nos quadrinhos? Como a imagem serve aos quadrinhos na leitura que faz das religiões? Trata-se apenas de uma leitura pessoal do autor sobre religião ou são reproduções de um coletivo? Esta análise da imagem nos quadrinhos é importante, pois como propõe Ulpiano Meneses, além de “fonte de informação” conviria ao historiador fazer “indagações sobre a percepção do potencial cognitivo da imagem para compreendermos como ela tem sido explorada” (MENESES, 2003, p. 12).

A importância da imagem nos quadrinhos, como se verá mais adiante, dá-se principalmente pelo fato de, como afirma Eisner em seu prefácio ao livro “Fagin, o Judeu”, o “estereótipo ser uma ferramenta essencial nas narrativas gráficas” (EISNER, 2011, p. 4), e como afirma Cardoso e Mauad: “A relação do ícone com o objeto que representa ou substituí nunca é completa, e sim parcial (...)” (CARDOSO; MAUAD, 1997, p. 402). Logo, é importante a leitura da imagem dos quadrinhos frente a sua interpretação da religião ou religiosidade, pois o imaginário do leitor de quadrinhos é construído da junção imagem/texto que ele lê nas HQs.

Em posse dessa análise, serão propostos modelos ou métodos de como se pode trabalhar história das religiões a partir daquilo que já se tem produzido no mercado editorial nacional de quadrinhos. Não é objetivo deste trabalho passar uma receita pronta, mas os ingredientes e a ordem em que devem ser usados. Em geral, as publicações para uso de quadrinhos em sala de aula, salvo raras exceções, limitam-se a propor modelos onde histórias em quadrinhos são ilustrações a um determinado conteúdo e não o próprio conteúdo. A proposta é que, histórias em quadrinhos podem servir mais do que apenas ilustrar, assim como ensino de história das religiões é mais do que apenas apontar o exótico de uma sociedade antiga. Mas de que narrativas gráficas podem ser objeto de produção de conhecimento histórico no momento que o aluno e o professor são os produtores desse conhecimento, são o diretor, o redator e roteirista de uma história em quadrinhos.

No terceiro momento, a produção de um material “paradidático” que terá como título: ‘Quadrinhos e Religião: cristianismo, islã e judaísmo nas histórias em quadrinhos’ e que instrumentalize o professor de história a trabalhar o ensino de história das religiões fazendo uso das histórias em quadrinhos, não como ferramenta de apoio ou incentivo à leitura, mas de produção de conhecimento histórico. O objetivo não é a

produção de uma história em quadrinhos ou guia de HQs, mas uma metodologia para criação de quadrinhos originais para professores e alunos.

Esta última etapa, corresponde ao produto final deste trabalho, que trata de um material interdisciplinar de temática transversal ligados ao cotidiano (pluralidade cultural). Tendo como principal objetivo não um simples relato narrativo ou comparativo das diferentes religiões, mas sim, como instrumento de aproximação e integração entre as diferentes cosmovisões. Pois ao abordar religião, tratamos de assuntos como preconceito, racismo, violência, discriminação etc. completando-se na sua interdisciplinaridade pelo fato de as histórias em quadrinhos, apesar de se tratarem essencialmente de narrativas gráficas, e aqui vistas como produto de uma construção histórica pessoal de cada aluno e professor, são também trabalhos artísticos gráficos e textuais, envolvendo outros campos do conhecimento como a língua portuguesa e o ensino de artes.

Este trabalho não pretende em nenhum momento esgotar o tema, pelo contrário, o objetivo é contribuir para contínuos estudos na área, incentivando professores de História a fazerem um uso mais frequente de histórias em quadrinhos e na revisão conceitual do ensino de história das religiões em sala de aula.

QUADRINHOS E ARTE SEQUENCIAL: UM MUITO BREVE HISTÓRICO

As histórias são usadas para ensinar o comportamento dentro da comunidade, discutir valores morais, ou para satisfazer curiosidades. Elas dramatizam relações sociais e problemas de convívio, propagam ideias ou extravasam fantasias. (Eisner, 2005)

Em 1895, no extinto periódico semanal *New York World*, surgia a primeira história em quadrinhos². Um menino de pijama amarelo, que ficou conhecido como *Yellow Kid*, tornou-se o primeiro personagem de um novo modelo de narrativa gráfica³. Apesar das narrativas gráficas, como as charges⁴, que se popularizou ainda no início do século XIX, já fossem empregadas em periódicos e publicações impressas, Richard Fenton Outcault⁵ criava pela primeira vez o modelo que hoje conhecemos como histórias em quadrinhos, dividindo a história narrada em pequenos quadros seqüenciais dispoendo os textos em pequenos balões sobre os personagens.

Desde o início do século XX, as histórias em quadrinhos ocupam espaço na mídia impressa. No Brasil, os primeiros personagens de narrativas gráficas foram publicados em meados da década de 1930 pelo ítalo-brasileiro Angelo Agostini. Pequenas histórias que eram ilustradas por desenhos, mas que não seguiam o padrão da história em quadrinhos criada anos mais tarde por Outcault.

As histórias em quadrinhos, diferente da charge que possuía um texto fundamentalmente voltado para o público adulto ao satirizar a sociedade, surgem

² Entende-se por Histórias em Quadrinhos, o modelo criado pelo cartunista estadunidense Richard Fenton Outcault com seu personagem “Menino Amarelo”. Neste modelo as cenas são dispostas de forma linear, seguindo o padrão de escrita ocidental, isto é, da esquerda para a direita, de cima para baixo. As falas dos personagens e outros sons, são apresentadas dentro de balões. Existe ainda discussões sobre a origem deste modelo de arte seqüencial. Na Alemanha a criação é atribuída ao poeta e cartunista Wilhelm Busch que em 1865, com a publicação da história de Max e Moritz. Na França e na Bélgica, o título é atribuído a Rodolphe Töpffer, por sua publicação *Les Amours de monsieur Vieux Bois* em 1842.

³ Utilizando a definição de Will Eisner, narrativas gráficas são essencialmente é um meio visual composto de imagens. Apesar das palavras serem um componente vital, a maior dependência para descrição e narração está em imagens entendidas universalmente, moldadas com a intenção de imitar ou exagerar a realidade (Eisner, 2005, p. 5).

⁴ Criadas no início do século XIX, a Charge, do francês *chargement* (carga), é um modelo de narrativa gráfica que se utiliza da ironia, do burlesco e do exagero estético para satirizar um fato ou personalidade.

⁵ Richard Felton Outcault, nascido em Lancaster, Ohio, Estados Unidos, em 14 de Janeiro de 1863, faleceu em Flushing, Nova York, em 25 de Setembro de 1928. Foi ilustrador e cartunista em diversos jornais e periódicos estadunidenses.

voltadas para o público infantil, ainda que existissem alguns personagens como *Tarzan*⁶ e *Buck Rogers*⁷ que era publicado na revista *Amazing Stories*⁸ tivessem objetivos pouco claros, mas eram aparentemente voltados para o público adulto. Talvez por este motivo, as histórias em quadrinhos tenham sofrido por grande parte do século XX, preconceito quanto a seu uso como obra literária e por conseqüência, como ferramenta de ensino e aprendizagem por educadores das mais diversas áreas de conhecimento.



Figura 1 – *The Yellow Kid and his new phonograph* publicada em 25 de outubro de 1896 no *New York Journal*. Observa-se a estrutura sequencial de imagens e textos em balões.

⁶ Criado por Edgar Rice Burroughs, teve sua primeira aparição na *Pulp All-Story Magazine* em 1912. Fonte: <<http://www.universohq.com/reviews/primeira-aventura-de-tarzan>> Acesso em: 21/04/2014.

⁷ Criado em 1928 pelo ilustrador Anthony Rogers, para a revista estadunidense *Amazing Stories*. Fonte: <<http://www.internationalhero.co.uk/b/buckrogr.htm>> Acesso em: 21/04/2014.

⁸ Revista de ficção científica voltada para o público jovem e adulto. Era classificada como de conteúdo *Pulp Fiction*, isto é, histórias de menor qualidade, fantasiosas ou absurdas. Foi produzida entre os anos de 1926 e 2005.

No final da década de 1970, começam a aparecer no Brasil os primeiros trabalhos acadêmicos que sugerem o uso das histórias em quadrinhos como instrumento de ensino e aprendizagem. Em parte, pesquisadores incentivados por diversas publicações latinas que fizeram uso das histórias em quadrinhos no combate intelectual às ditaduras sul-americanas, como a personagem Mafalda⁹ do cartunista argentino Quino¹⁰, e as tiras do Pasquim¹¹ de Ziraldo, Jaguar e Henfil, com personagens como Sig¹² e o Bode Orellana¹³.

É notável essa mudança que começa a ocorrer no final da década de 1970 e passa pelos anos de 1980. Pois, como literatura ou arte, as histórias em quadrinhos foram nos anos anteriores, alvo de inclusive políticas de Estado. Como na Itália fascista de Mussolini, onde foi proibida a publicação das histórias em quadrinhos não italianas. Nos Estados Unidos, em meados da década de 1950, uma publicação do psiquiatra Fredric Wertham¹⁴ intitulada *Seduction of the Innocent*, tornou-se popular no meio acadêmico estadunidense. Nela, Wertham acusava as publicações de histórias em quadrinhos como responsáveis pela delinquência infanto-juvenil e por promover ou fazer apologia ao homossexualismo, uso de drogas e a violência. Seu trabalho foi relevante nas décadas seguintes nos Estados Unidos, o maior mercado editorial de histórias em quadrinhos, levando o Senado daquele país a proibir um grande número de títulos e criar uma lista de palavras e conceitos proibidos nas publicações seguintes.

⁹ Personagem principal de uma série de tiras criadas pelo cartunista argentino Joaquín Salvador Lavado Tejón, mais conhecido como Quino. Suas tiras foram publicadas em periódicos argentinos entre 1964 e 1973. Em 1976, Mafalda foi a personagem de um programa das Nações Unidas para divulgação dos Declaração Universal dos Direitos da Criança

¹⁰ Joaquín Salvador Lavado Tejón, mais conhecido como Quino. Nascido em Guaymallén, Argentina em 17 de julho de 1932. Atualmente é cartunista e ilustrador de diferentes periódicos e agências publicitárias.

¹¹ O Pasquim foi um periódico semanal criado pelo cartunista Jaguar e os jornalistas Tarso de Castro e Sérgio Cabral e publicado entre os anos de 1969 e 1991.

¹² Personagem criado em 1964 pela cartunista Jaguar.

¹³ Criado pelo cartunista Henfil, seu nome é uma referência ao explorador espanhol Francisco de Orellana. O Bode Orellana era um personagem comedor de jornais velhos que entreva em “estado de choque” ao ler notícias durante o período dos governos militares.

¹⁴ Psiquiatra, viveu entre 1895 e 1981, foi responsável por uma série de artigos publicados em revistas científicas estadunidenses apontando os malefícios das histórias em quadrinhos na formação moral dos adolescentes e jovens americanos. Seus trabalhos foram responsáveis por uma investida do Congresso Americano em regulamentar e censurar publicações de histórias em quadrinhos nos Estados Unidos nas décadas de 1950 e 1960, após a publicação de seu mais célebre livro, *Seduction of the Innocent* (Sedução dos Inocentes), onde considerava as histórias em quadrinhos, como responsável pela degradação da moral nos Estados Unidos.

Fonte: <http://www.psu.edu/dept/inart10_110/inart10/cmbk4cca.html> Acesso em: 23/04/2014.

Na década de 1990, Will Eisner¹⁵, célebre quadrinista estadunidense com mais de 50 anos de atividade no meio e criador de uma dezena de personagens populares nos jornais dos Estados Unidos, publicou dois livros: *Narrativas Gráficas* em 1996 (no Brasil publicado pela primeira vez em 2005) e *Quadrinhos e Arte Seqüencial* em 1985 (No Brasil publicado pela primeira vez em 1989).

Voltados inicialmente para cartunistas iniciantes, seus livros acabaram por preencher uma lacuna nos estudos sobre histórias em quadrinhos, pois, apesar de Will Eisner não ser um acadêmico, nem tampouco buscar isso com a publicação de seus livros, como quadrinista e roteirista de histórias em quadrinhos produziu dois grandes manuais que conceituaram esse formato e suas publicações tornando-se referência quando o assunto são produção e leitura de histórias em quadrinhos.

A obra de Eisner também é importante, pois seu trabalho aborda com bastante frequência o cotidiano da comunidade judaica nova iorquina do início do século XX, e a temática religiosidade é bastante explorada em seu trabalho em livros como *Contrato com Deus* e *Fagin o Judeu*, um de seus últimos trabalhos antes de falecer em 2005.

No início da década de 1990 surge um novo estilo de publicação no mercado editorial dos quadrinhos, a *Graphic Novel*¹⁶ (novela gráfica). Mantendo a estrutura básica das histórias em quadrinhos, com quase um século de existência, o mercado editorial amplificou o alcance das histórias em quadrinhos. Agora, publicações extensas, alguns livros com mais de quinhentas páginas e que demoram não dias, mas anos para serem publicados, ampliam também a profundidade dos assuntos abordados. Na mesma época, surge o *comics journalism* ou *graphic journalism* (jornalismo em quadrinhos) tendo sua primeira publicação em 1993 com o livro *Palestina, uma nação ocupada*, do jornalista e cartunista Joe Sacco¹⁷, que abordou a primeira intifada na Faixa de Gaza.

¹⁵ Will Eisner (1917-2005) é considerado pela crítica especializada como o maior cartunista estadunidense. Entre seus trabalhos destacam-se dois livros teóricos, *Comics and Sequential Art* (1985) e *Graphic Storytelling* (1996). Eisner também é o criador de alguns personagens de histórias em quadrinhos como *Spirit*, entre dezenas de novelas gráficas retratando o cotidiano, principalmente da cidade de Nova Iorque nos Estados Unidos.

¹⁶ Modelo de publicação voltado para o mercado adulto, surgiu no final do século XX. Ampliou o espaço dos quadrinhos para grandes publicações e biografias em quadrinhos.

¹⁷ Jornalista nascido em Malta (1960) é considerado o criador do Jornalismo em Quadrinhos.

Nas duas últimas décadas tem sido realizada com grandes investimentos a transposição dos personagens dos quadrinhos par as telas do cinema. Antes disso, apenas alguns poucos filmes ousaram trazer para as salas de cinema heróis como Super-Homem ou o Incrível Hulk. Com o advento de novas tecnologias digitais, foi possível ampliar a gama de heróis e personagens dos quadrinhos que “ganharam vida” na grande tela.

Personagens antigos e muitas vezes desconhecidos do grande público, conhecidos antes apenas pelo nicho de colecionadores de histórias em quadrinhos, como *Constantine*, *Spirit* e *Watchmen*, tornaram-se mundialmente conhecidos, o que impactou de forma positiva o mercado editorial de quadrinhos, dando a oportunidade para o surgimento de novos escritores/cartunistas e ampliando a gama, inclusive geográfica, de novas histórias e temáticas, o que por sua vez gerou maior interesse em educadores de estudar e fazer o uso das histórias em quadrinhos em sala de aula. Segundo Iuri Reblin, “(...) somente na primeira década deste novo século, o número de pesquisas de pós-graduação relacionadas aos quadrinhos foi o dobro de toda a produção do século anterior (...)”¹⁸.

Isto pode ser encarado como uma maior abertura da academia para trabalhos deste gênero. No Brasil, a Festival Internacional de Quadrinhos – FIQ, que acontece a cada dois anos na cidade de Belo Horizonte/MG, já é o maior evento de histórias em quadrinhos do continente americano, superando inclusive o *Comic-Con* de San Diego nos Estado Unidos. O FIQ, que em 2015 fará sua 9ª edição, promove palestras, oficinas, seminários e mesas redondas, antes exclusivas para cartunistas, mas que agora contam com a presença constante de educadores e literários de outros mercados editoriais. Aliado a isso, diferentes universidades e centros de pesquisa têm investido em grupos de pesquisa sob essa temática, numa clara mudança de pensamento em relação a essa literatura.

¹⁸ Fonte: <<http://quadrinhosemquestao.com/2012/09/16/qq-entrevista-iuri-andreas-reblin>> Acesso em: 23/03/2014.

QUADRINHOS E RELIGIOSIDADE: COMBINAÇÃO INCOMUM

Falar sobre a relação entre religiosidades e histórias em quadrinhos, no espaço escolar, transparece a ideia de algo inusitado. Os quadrinhos, em geral, são vistos em sala de aula como uma proposta de entretenimento, como uma estratégia de flexibilização dos rigores do texto escrito. No entanto, a utilização da imagem na sala de aula não pode ser analisada sob a luz da ausência da interpretação textual; a história visual é tão texto quanto qualquer outra parte da escrita para aprendizagem.

Já na década de 1940, nos Estados Unidos, eram publicados quadrinhos de caráter educacional, como a *Real Fact Comics* e a *True Comics* (VERGUEIRO, 2012, p. 17), que abordavam histórias e biografias de personalidades estadunidenses e eventos históricos. Nestas primeiras publicações consideradas pela indústria dos quadrinhos como educacionais, a editora *Educational Comics*, lança a revista *Picture Stories from the Bible*, com abordagem religiosa em torno da cultura judaico-cristã. As edições contavam histórias de passagens bíblicas, como a construção da arca de Noé e o dilúvio, a crucificação de Cristo e a história dos patriarcas da cultura judaico-cristã. Outras publicações consideradas educativas também eram publicadas pela mesma editora, como *Picture Stories from World History* e *Picture Stories from American History*.

O trabalho com a utilização da arte sequencial corresponde a um grande ganho para o professor e para o aluno. Em parte pelo grande volume de publicações disponíveis. A variedade de assuntos é extremamente ampla e religião é um tema recorrente. No Brasil editoras como a Luz e Vida, Paulinas-COMEP e Paulus, todas elas ligadas a instituições religiosas cristãs, apresentam um grande número de publicações. Mesmo editoras não ligadas a igrejas ou instituições religiosas lançam um grande número de obras em quadrinhos com temática religiosa.

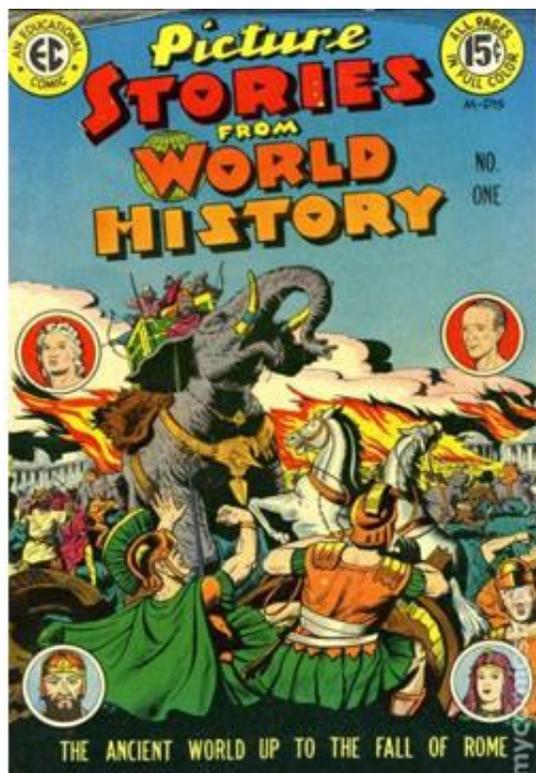
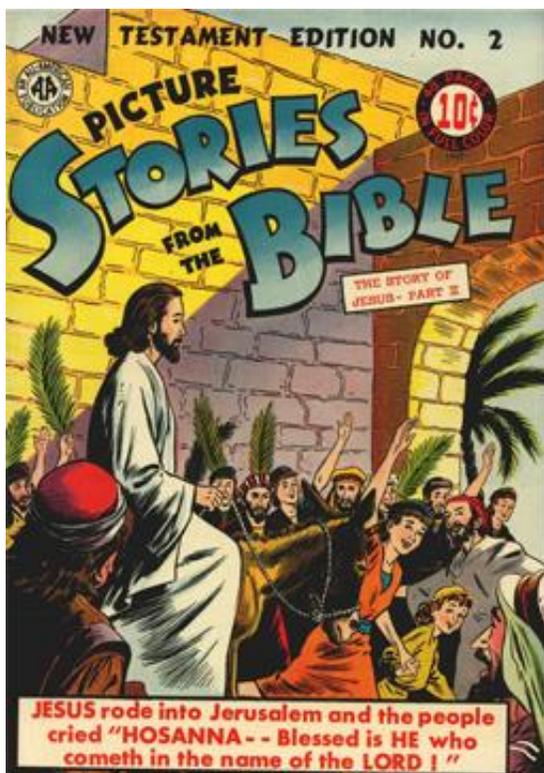


Figura 2 – Capa da edição nº 2 da revista *Picture Stories from the Bible* da edição nº 1 da revista *Picture Stories from World History*. Na primeira a capa apresenta a história da entrada de Cristo em Jerusalém e na outra edição “O Mundo Antigo até a queda de Roma”.

Histórias em quadrinhos fazem parte do cotidiano infanto-juvenil, sendo inclusive uma leitura que continua na fase adulta, o que se constata no grande número de edições voltadas para o público adulto. Como ressalta Ramos: “É o gênero mais lido entre os homens e o sétimo mais listado pelas mulheres. Especificamente entre estudantes até a quarta série, os quadrinhos são o terceiro item mais mencionado”¹⁹. Assim, a estratégia da utilização dos quadrinhos como mecanismo de aprendizagem possibilita ampliar a dimensão do texto, pois em geral, as histórias em quadrinhos não sofrem rejeição ou preconceito dos seus leitores nas escolas, isto é, os alunos. Pelo contrário, é comum verificar-se em estudos sobre o uso de histórias em quadrinhos em sala de aula uma ampla aceitação e motivação dos alunos para participar das atividades, como afirma Vergueiro:

¹⁹ RAMOS, Paulo; VERGUEIRO, Waldomiro. O óbvio: quadrinhos não são só para crianças. Folha de São Paulo On-line. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz2205200909.htm>> Acesso em: 2 jun. 2014.

“(...) em geral, as recebem de forma entusiasmada, sentindo-se, com sua utilização, propensos a uma participação mais ativa nas atividades de aula. As histórias em quadrinhos aumentam a motivação dos estudantes para o conteúdo das aulas, aguçando sua curiosidade e desafiando seu senso crítico.” (VERGUEIRO, 2012, p. 21)

O desenvolvimento de um método que instrumentalize ao professor essa estratégia ensinando-o não apenas como se utilizar da história serial, mas também como produzi-la é o foco deste estudo, que busca primeiro aproximar o docente da arte seqüencial, como por exemplo, de como é feita sua leitura, qual o significado das imagens e tipos nos quadrinhos e como podem ser organizados critérios para a escolha de uma história em quadrinhos para ser trabalhada em sala de aula.

Quanto a proposta de utilizar os quadrinhos para trabalhar com religião foi realizado inicialmente um levantamento no material existente no mercado editorial brasileiro. A primeira busca se deu no Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE). Criado em 1997, apenas em 2006 foram selecionados por edital as primeiras histórias em quadrinhos. De um total de 225 títulos selecionados pelo Governo Federal aquele ano, 10 eram histórias em quadrinhos. Foi a primeira vez que o Edital no PNBE previa a seleção de quadrinhos para os acervos:

4.1.1. Cada acervo será composto por 75 (setenta e cinco) títulos, contemplando textos de:
(...) 5 - livros de imagens e livros de histórias em quadrinhos, dentre os quais se incluem obras clássicas da literatura universal artisticamente adaptadas ao público jovem.²⁰

Na busca realizada nos livros publicados pelo FNDE/PNBE, não é possível encontrar um grande número de títulos que trabalham com o monoteísmo. O principal foco ou preferência das edições selecionadas pelos editais são as adaptações de obras literárias, como se pode ler no edital publicado em 2014: “Livros de imagens e livros de histórias em quadrinhos, dentre os quais se incluem obras clássicas da literatura

²⁰ BRASIL. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação - FNDE. Edital PNBE 2006. Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/programas/biblioteca-da-escola/biblioteca-da-escola-consultas/item/3017-editais-antiores>> Acesso em 4 jun. 2014.

universal, artisticamente adaptadas ao público de educação de jovens e adultos (ensino fundamental e médio)²¹.

No levantamento realizado na seleção de títulos de 2006 até 2013, foram encontrados apenas 5 livros, “História do Mundo em Quadrinhos” de Larry Gonick, “Deus Segundo Laerte” de Laerte Coutinho e “Um Contrato com Deus” de Will Eisner selecionados pelo edital de 2009. Em 2010 foram edições de “A Busca” de Lies Schipperse e Ruud van der Rol e “Persépolis” de Marjane Satrapi.

As publicações selecionadas pelo FNDE/PNBE são duas biografias, uma ficção, uma coletânea de tiras cômicas e um paradidático de História que aborda de forma ilustrada a “Ascensão do Mundo Árabe e a História da África”.

Por tratar-se de um número de títulos bastante restrito, foi necessário buscar no mercado nacional outras publicações para compor este trabalho. Apenas no Brasil existem mais de 900²² editoras registradas que produzem histórias em quadrinhos, fazer uma busca em todas as editoras é um trabalho impossível, levando-se em conta ainda o volume da produção e a distribuição de muitas dessas obras. O objetivo deste trabalho não é apontar uma lista de títulos a serem trabalhados, mas sim, em algum momento, apresentar critérios qualitativos para seleção de histórias em quadrinhos que servirão para o ensino de História das Religiões.

Um outro objetivo deste trabalho é fazer uso das histórias em quadrinhos para o ensino de História das Religiões como meio para um diálogo entre as religiões. Como aponta LIA: “(...) a existência de uma disciplina específica de “Religião”, que poderia ser muito proveitosa se ampliasse o diálogo entre as diferentes percepções religiosas e a sociedade, mas que funciona como a legitimação de uma determinada corrente (...)” (LIA, 2012, p. 551).

²¹ BRASIL. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação - FNDE. Edital PNBE 2014. Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/programas/biblioteca-da-escola/biblioteca-da-escola-consultas/item/3982-edital-pnbe-2014>> Acesso em 4 jun. 2014.

²² <<http://www.guiadosquadrinhos.com/editoras>> Acesso em 16/05/2014.



Figura 3 – Capas das histórias em quadrinhos selecionados pelo FNDE/PNBE entre os anos de 2006 e 2013.

Existe um reforço pelas instituições de ensino de base no distanciamento desse diálogo entre diferentes religiões e religiosidades, quando, o ensino da “Religião” é delegado a representantes religiosos. Tendência essa que, apesar da criação de cursos de especialização em ensino religioso independentes de correntes religiosas, mas que encontra resistência na própria Lei Nº 9.475 de 22 de Julho de 1997 que alterou a lei que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e que, apesar de proibir o

proselitismo no caput do art. 33, em seu segundo parágrafo dá margens ao domínio de determinadas correntes teológicas:

§ 2º Os sistemas de ensino ouvirão entidade civil, constituída pelas diferentes denominações religiosas, para a definição dos conteúdos do ensino religioso."

Um avanço, é claro, em relação ao texto anterior, que delegava a entidades religiosas a elaboração do programa de ensino, mostrando claramente por parte do legislador e dos educadores, uma disposição em entender o ensino religioso como um assunto secundário, ou marginal ao ensino científico.

Mas onde as histórias em quadrinhos podem contribuir para esse diálogo? A resposta pode estar na interdisciplinaridade oferecida por esta ferramenta. Religião aparece nos Parâmetro Curriculares Nacionais nos Temas Transversais Ética e Pluralidade Cultural. Entre os objetivos dos PCNs, está a valorização da alteridade. Diferente de se fazer o uso de livros sagrados ou publicados por correntes teológicas específicas, os quadrinhos são um produto de acesso que sofre pouca ou quase nenhuma discriminação por parte dos estudantes do ensino médio e fundamental.

Histórias em quadrinhos são interdisciplinares e já é bastante comum sua associação ao ensino de Artes, História, e Língua Portuguesa, mas elas também podem ser utilizadas no ensino de Sociologia, Filosofia e Religião. No entanto, os professores ainda carecem de materiais com metodologias para uso dos quadrinhos em sala de aula. Não são raras as publicações, mas elas ainda focam muito na interpretação do texto verbal/imagem da tiras e quadrinhos.

O objetivo é instrumentalizar o professor para não apenas trabalhar em sala de aula a interpretação, abandonando um pouco daquilo que Meneses acusa os historiadores de serem mais focados em ver a imagem apenas como fonte de informação (MENESES, 2003, p. 11) mas também cognitiva. Dessa forma, pode se ampliar para a aulas de História não apenas a interpretação, mas a criação de quadrinhos, onde é possível não ver apenas a leitura que o aluno faz uma imagem, mas também de como a constrói.

A produção de histórias em quadrinhos no ensino de História das Religiões pode levar a uma melhor compreensão da construção da cosmovisão religiosa de cada um assim como entendimento das construções feitas pelos outros. O que pode ser um mecanismo de aproximação entre as três diferentes religiões monoteístas e servir como quebra de preconceitos.

O mais popular modelo de narrativa gráfica brasileiro parece ser mesmo a charge. A charge no Brasil não só é popular, é também bastante prestigiada. Nos periódicos brasileiros a charge ocupa espaço de destaque, em geral, junto com a seção editorial do jornal. As charges dos jornais brasileiros expressão a linha editorial daquele periódico. As principais revistas e jornais do Brasil possuem cartunistas contratados, alguns com algumas décadas de serviços prestados àquele grupo editorial. Esse padrão é bastante similar ao modelo das publicações estadunidenses. Como pode ser observado ao fazer uma breve verificação no site *Cagle.com*, o mais importante repositório de charges dos Estados Unidos atualizado diariamente com centenas de charges publicadas nos mais diversos jornais dos Estados Unidos e Canadá.

Ao visitar sites como *Cartoon Movement* ou *Cagle.com*, não será difícil encontrar, inclusive sessões dentro do próprio site, com charges que remetem a temas religiosos, mesmo em nações tradicionalmente ou historicamente de maioria católica como Itália e Portugal ou islâmicas, como Turquia e Egito. No entanto, ao fazer um levantamento das charges publicadas de cartunistas brasileiros, a temática desaparece, ou, quando aparece, surge disfarçada. Enquanto na Itália é comum cartunistas publicarem em grandes jornais charges criticando a igreja Católica sobre casos como pedofilia ou ainda o descaso da igreja Católica com os pobres na África.



Figura 4 – *Interfaith Dialogue*. Charge do cartunista italiano Giacomo Cardelli para o site *Cartoon Movement*.

No Brasil, um país historicamente de maioria cristã católica, é raro, ou simplesmente não existem publicações em grandes jornais dessa temática. Assim, o assunto é tratado pelos jornais, mas não é permitido ridicularizá-lo fazendo uso da ironia presente na charge. Recentemente no Brasil, a nomeação do deputado federal Marco Feliciano, um pastor evangélico neopentecostal, foi tema da mídia impressa e televisiva por semanas. No entanto, assim como os casos de pedofilia do clero católico, as charges editoriais dos grandes periódicos brasileiros calaram-se quanto ao assunto, ou quando citado, não faziam uma referência clara aos evangélicos ou católicos, mas uma ligação com uma cultura medieval e ultrapassada.

No entanto, quando feito uma busca na internet sobre charges com essas duas temáticas, encontraremos uma diversidade muito grande de charges publicadas não em grandes periódicos, mas em pequenos jornais independentes, geralmente publicados apenas na internet. Isso mostra que no Brasil o tema é tratado, existem publicações neste sentido, no entanto, por uma questão de mercado, segundo o Censo realizado pelo IBGE em 2010, 86.8% da população brasileira, é evangélica ou católica²³.

²³ <<http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/ibge-populacao-catolica-encolhe-no-brasil>> Acesso em: 29/03/2014.

No Brasil alguns roteiristas e cartunistas têm-se destacado no cenário internacional dos quadrinhos, mas obviamente, nenhum se iguala a Maurício de Souza. Sua principal personagem é uma menina de 7 anos de idade. Mônica, criada em 1963 como personagem coadjuvante nas tiras do Cebolinha publicadas em jornais do interior de São Paulo. Maurício de Souza criou todo um universo para seus personagens. Entre eles a Turma do Chico Bento. Ao analisar as histórias do personagem Chico Bento, é possível perceber uma forte conotação religiosa no texto. Interjeições como “vixi Maria!” ou “cruz credo” são comuns aos personagens ambientados ao interior paulista, além da constante aparição de personagens do folclore brasileiro, como os da turma do Papa-Capim, um pequeno indiozinho habitante da Amazônia.

Uma outra série de Maurício de Souza, a Turma do Penadinho, apresenta personagens não humanos, mas espíritos, almas, fantasmas e vampiros, mais uma vez, remetendo a um universo permeado de religiosidade. Por fim, seu personagem onde essa característica pode ser bastante explorada é Anjinho, ou Ângelo Ceolino, um menino que virou anjo e protege os outros personagens da Turma da Mônica. Este personagem é interessante pois sua construção é cercada de significados do cristianismo, como o fato de ter como seu supervisor o anjo Gabriel e seu chefe São Pedro²⁴, personagens bastante conhecidos da cultura cristã ocidental. Mesmo na versão mais recente a Turma da Mônica Jovem, Anjinho continua sendo um personagem de destaque, agora com o nome Céuboy, na edição nº 46 da revista, Céuboy se apaixona por uma ninfa e precisa escolher entre continuar a ser um anjo ou tornar-se humano novamente.

²⁴ <<http://pt-br.monica.wikia.com/wiki/Anjinho>> Acesso em: 28/03/2014.



Figura 5 – A tradição de rezar antes de dormir é representada em história da edição Nº 88 de Chico Bento.

Também o número de traduções de obras é bastante amplo. O ponto fraco aqui ainda é o preço das publicações traduzidas. Mas livros como Persépolis, da autora iraniana Marjane Satrapi, onde ela faz uma auto-biografia em quadrinhos e relata sua

experiência como menina na Revolução Iraniana²⁵, e a inserção do islamismo como religião obrigatória ou ainda o clássico dos quadrinhos escrito por Art Spiegelman, Maus²⁶, vencedor de um prêmio Pulitzer, que no formato de jornalismo em quadrinhos relata a prisão de seu pai em um campo de concentração nazista durante a Segunda Guerra Mundial e a questão do antissemitismo.

Agrega-se a isso a presença dos quadrinhos nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), que aparecem pela primeira vez no PCN de Língua Portuguesa (2008, p. 72), onde os quadrinhos são classificados no quadro de *Gêneros adequados para o trabalho com a linguagem escrita*. E também no Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), que desde 2006 incluí histórias em quadrinhos em seu acervo, o que como afirma Ramos, oficializaram o uso das histórias em sala de aula com uma política de Estado:

“(...) a inclusão dos quadrinhos no PNBE significa um avanço na maneira como a área de ensino os enxerga. Deixaram de ser leitura subversiva ou superficial para serem oficializadas como política de governo.” (RAMOS, 2009, p. 40)

No entanto, ainda que o governo incentive o uso de histórias em quadrinhos no ensino, Vergueiro e Ramos afirmam que “(...) o próprio governo federal tateia para identificar qual é o efetivo papel das obras em quadrinhos do PNBE (...) o MEC parece encarar como um estímulo à leitura”. (RAMOS; VERGUEIRO, 2009, p. 40).

²⁵ Entende-se como Revolução Iraniana ou Revolução Islâmica o movimento ocorrido no Irã no ano de 1979 que derrubou a monarquia autocrática do Xá Mohammad Reza Pahlevi e instaurou a República Islâmica do Irã, com o primeiro governo do aiatolá Ruhollah Musavi Khomeini.

²⁶ Apenas a edição publicada nos Estados Unidos já vendeu mais de 2 milhões de cópias desde seu lançamento. Fonte: < <http://livroseideias.wordpress.com/2012/03/26/desepero-de-guerra-em-historia-em-quadrinhos/>> Acesso em 29/03/2014.



Figura 6 – O Véu. Capítulo de abertura da auto-biografia de Marjane Satrapi. O livro Persépolis foi incluído pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação no Programa Nacional Biblioteca na Escola (FNDE/PNBE) em 2010.

Mesmo diante desse grande e amplo leque de publicações nacionais, e internacionais traduzidas para a língua portuguesa, trata-se de uma ferramenta pouco explorada se direcionado ao tema Religião. Em uma pesquisa prévia realizada, foi observado apenas o trabalho do teólogo Iuri Andréas Reblin, professor da Escola Superior de Teologia (São Leopoldo/RS). Seu trabalho tem se desenvolvido desde 2005

e já possui mais de uma dezena de publicações entre artigos, livros e capítulos de livros em torno do diálogo entre teologia, histórias em quadrinhos e a cultura pop, assim como o seu uso no Ensino Religioso. É atualmente um dos coordenadores da Aspas – Associação de Pesquisadores em Arte Sequencial que é responsável pelo Grupo de Pesquisa Interdisciplinar em Arte Sequencial, Mídias e Cultura Pop (CNPq), criado em 2013 na Escola Superior de Teologia – EST, em São Leopoldo/RS.

É POSSÍVEL ENSINAR UTILIZANDO DESENHOS COM FRASES EM BALÕES?

As histórias em quadrinhos foram em grande parte dos últimos 100 anos, consideradas uma subliteratura e uma arte que não era considerada como tal. O maior mercado editorial de quadrinhos foi duramente atingido na década de 1950 quando Wertham publicou seu livro *Seduction of the Innocent*. Dezenas, senão centenas de títulos foram recolhidos e as publicações passaram a seguir um manual de conduta criado pelo Senado estadunidense com a Subcomissão da Delinquência Juvenil²⁷ que proibia alguns conceitos e vocabulários, restringindo a trabalho que por meio século havia se desenvolvido.

Em relação a esta publicação estadunidense, Vergueiro aponta como resultado a censura e depreciação nas publicações da indústria dos quadrinhos:

“Devido ao impacto das denúncias do dr. Wertham e de outros segmentos da sociedade norte-americana – como associações de professores, mães e bibliotecários, além de grupos religiosos das mais diferentes tendências –, não tardou para que todos os produtos da indústria de quadrinhos passassem a ser vistos como deletérios, exigindo uma “vigilância” rigorosa por parte da sociedade.” (VERGUEIRO, 2012, p. 12)

Apenas após a década de 1990, quando o cinema começa a investir na transposição dos personagens clássicos dos quadrinhos, alguns deles desconhecidos para o público fora dos Estados Unidos, que a indústria dos quadrinhos se recupera. Essa busca do cinema, uma arte já estabelecida na academia, pelo universo das histórias em quadrinhos, elevou o conceito acadêmico e popular em torno desse tipo de publicação.

Grandes livrarias passaram a reservar espaço amplo e de destaque para as publicações do tipo, assim como o surgimento de novas editoras e selos editoriais, como a tradicional editora *Companhia das Letras*, no Brasil, que criou um selo exclusivo para essas publicações, a *Quadrinhos na Cia*. No site Guia dos Quadrinhos há o

²⁷ Criado em 1953 para investigar o problema da delinquência juvenil. O relatório pode ser acessado em: <<http://web.archive.org/web/20091027160127/http://www.geocities.com/Athens/8580/kefauver.html>> Acesso em 21/04/2014.

registro de 910²⁸ editoras com publicações em quadrinhos apenas no Brasil, além de 66²⁹ trabalhos acadêmicos entre monografias, dissertações e teses.

Ao verificar os trabalhos acadêmicos na área da Educação e História em torno dos quadrinhos, o que se vê é um amplo trabalho para uso das histórias em quadrinhos como recurso para ensino/aprendizagem de forma bastante ampla. Inicialmente os trabalhos apontam as vantagens do uso das histórias em quadrinhos na sala de aula. Trata-se de uma mídia amplamente conhecida pelo público infanto-juvenil e de leitura mais facilmente absorvida por crianças e adolescentes. Em seu livro *História em Quadrinhos na Escola*, Calazans cita uma pesquisa realizada pela revista Nova Escola em 1988 que afirmava que 100% dos alunos entrevistados preferiam quadrinhos a outros tipos de leitura (CALAZANS, 2008, p. 10). Ainda que nesses últimos 26 anos a cultura tenha se modificado significativamente, principalmente com o advento de tecnologias que revolucionaram o cotidiano como a portabilidade da informação via *smartphone*.

O mercado editorial de quadrinhos nunca foi tão grande, nunca alcançou um público tão extenso e ao contrário de outras mídias que perderam espaço para a mídia virtual, a mídia impressa dos quadrinhos fez uso da intensa globalização da informação para massificar sua distribuição e ampliar seus horizontes e mercado consumidor.

Este modelo literário ainda tem forte apelo no público em idade escolar, como crianças e adolescentes. Sua linguagem é simples, as imagens traduzem o texto e vice-versa, o formato sequencial dá a sensação de temporalidade o que facilita o desenvolvimento do leitor enquanto lê o texto e a linguagem utilizada é sempre bastante acessível.

O sucesso dessa mídia deve-se ao fato de que, o mercado editorial soube orientar sua busca por novos roteiristas e cartunistas. O super-herói não foi abandonado, mas suas histórias de vida tornaram-se mais complexas e a própria mortalidade os alcançou. A temática das histórias em quadrinhos foi profundamente desenvolvida nos últimos 20 anos. O super-herói casto que salva a mocinha virgem não

²⁸ <<http://www.guiadosquadrinhos.com/editoras>> Acesso em 28/03/2014.

²⁹ <<http://www.guiadosquadrinhos.com/monografias>> Acesso em: 28/03/2014.

é mais o modelo de herói dos quadrinhos, mas o mutante que sofre preconceito e exclusão social em uma sociedade que não sabe conviver com as diferenças.

Trabalhos na área de História têm buscado enfatizar o uso das histórias em quadrinhos como suplemento para conteúdos tradicionais do currículo de História. Na última década algumas dezenas de publicações nacionais tomaram espaço nas aulas não com novos conteúdos, mas com antigos textos agora revisitados por outro tipo de literatura. Machado de Assis, Lima Barreto ou Eça de Queiroz são “reescritos” sob uma nova perspectiva, a imagem antes um fruto do imaginário do leitor agora é traduzido em ilustrações sequenciadas por cartunistas. O mesmo já acontecia com grandes obras literárias universais, como Dom Quixote de Cervantes ou Macbeth de Shakespeare.

Basicamente, tem-se utilizado histórias em quadrinhos ambientadas em algum período histórico e contextualizando a história a utilizando como instrumento para gerar maior interesse nos alunos em estudar a disciplina. É comum ver em alguns livros com metodologias para uso de histórias em quadrinhos, ver exemplos com os livros de Asterix para contextualizar a “aula de Roma Antiga”. Se considerarmos apenas esse uso mais popular dos quadrinhos em sala de aula, veremos um grande avanço nos últimos anos, quando anteriormente utilizavam-se apenas charges e pequenas tiras apenas para ilustrar textos ou atividades complementares. No entanto Meneses critica o apenas “iluminar as imagens com informação histórica externa a elas, e não produzir conhecimento histórico *novo* a partir dessas mesmas fontes visuais.” (MENESES, 2003, p. 20). Logo, conforme esta afirmação, é possível fazer mais em sala de aula utilizando histórias em quadrinhos.

HISTÓRIA DAS RELIGIÕES E NÃO ENSINO RELIGIOSO

Uma confusão comum entre os diretores e coordenadores de escolas, públicas e privadas, é que história das religiões é “conteúdo” de ensino religioso. Parte desse pensamento parte muitas vezes de um próprio preconceito do professor de História, que não raras vezes, enxerga a Religião da mesma forma que os livros didáticos apresentam, em pequenos quadros explicativos secundários à margem do texto principal em questão. Ainda existe o importante fator de tradição religiosa. Se pensarmos no apenas no contexto brasileiro, onde não é incomum escolas públicas com nome de religiosos e santos cristãos, o que dificulta a separação de ensino de História das Religiões do Ensino Religioso:

O ensino de história das religiões e religiosidades é frequentemente confundido com o ensino religioso, abordado através de dogmatismos de crenças, funcionando como um reforço de fé, uma catequese ou instrução confirmatória. Independentemente do caráter confessional ou não da instituição, a educação básica recebe as informações religiosas com o objetivo de confirmar as crenças de uma determinada vertente. (LIA, 2012, p. 552)

O primeiro grande problema talvez seja a definição de um conceito contemporâneo para Religião. O conceito comumente adotado pela História das Religiões é antigo e fundamenta-se na interpretação de outras ciência, principalmente a Sociologia e a Antropologia. O problema deste conceito é que ele é interpretado como preconceituoso, ainda que na sua origem ele seja apenas “diferenciador” e não vise criar uma escala ou hierarquização entre Religião e Religiosidades.

Primeiro vejo como necessário fazer uma análise etimológica da palavra Religião. Cícero, filósofo do século I a.C. definiu Religião como derivado do latim *relegere*, que significaria fazer uma releitura/renovação ou ainda, ler novamente. Já Lactâncio e Agostinho aproximam-se mais da interpretação contemporânea que deriva

do latim *religare*, isto é, religar, buscando uma reaproximação do sagrado e do secular, entre homem e deuses.³⁰

Este conceito no entanto não nos ajuda a definir o porquê da escolha das religiões monoteístas para este trabalho. A estrutura no entanto, das religiões monoteístas tornam o trabalho mais plausível de ser realizado, ainda que muitos dos conceitos unificados de cada uma dessas religiões não sejam gerais a todas as diferentes vertentes do cristianismo, judaísmo e islã.

Recentemente, um juiz federal fazendo um uso, no mínimo, inadequado do conceito de Religião em um processo que solicitava a retirada de vídeos em uma rede social que ofendiam cultos de matriz africana³¹. A decisão foi criticada por diversas organizações religiosas e por políticos, o que resultou na retratação do juiz federal Eugenio Rosa de Araujo³².

Parte dessa diversidade de interpretações deve-se a diversos fatores. Há diferenças culturais que fazem com que este conceito possa variar de uma sociedade para outra. Como afirma Coutinho:

O contexto cultural influencia sobremaneira a definição de religião. Nas sociedades ocidentais, onde se associa a religião à relação com algo transcendente, ela é sistema mediador entre o homem e entidades superiores. O Ocidente, altamente marcado pela cultura judaico-cristã, releva o Deus único e transcendente. Nas sociedades orientais, budistas e hinduístas, a transcendência não está presente, mas antes o panteísmo, um deus em tudo. Assim, a religião não é ligação a algo superior e transcendente, mas à própria natureza, a todos os seres vivos. As enunciações aqui apresentadas privilegiarão o contexto ocidental. (COUTINHO, 2012, p. 176)

Apesar disso, decidimos manter o tradicional conceito da Sociologia. Não porque ele seja a melhor explicação contemporânea para a temática, mas ainda é o melhor alicerce teórico para uma definição de Religião. Obviamente, é necessário ressaltar constantemente que este conceito não pode ser interpretado de forma alguma como um

³⁰ < <http://www.etymonline.com/index.php?term=religion>> Acesso em 05/12/2014.

³¹ <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/05/1455758-umbanda-e-candomble-nao-sao-religoes-diz-juiz-federal.shtml>> Acesso em 03/12/2014.

³² < <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/05/1457419-apos-criticas-juiz-federal-volta-atras-e-reconhece-religoes-afro-brasileiras.shtml>> Acesso em 03/12/2014

conceito de hierarquização de credos, mas de diferenciação na formação de diferentes leituras e cosmovisões do sagrado.

É necessário portanto, diferenciar o ensino de História das Religiões do Ensino Religioso. O Ensino Religioso é uma disciplina facultativa instituída por lei. O ensino de história das religiões deve estar integrado ao conteúdo de História, servindo não apenas como ilustração “cultural” de sociedades como visto e apresentado erroneamente nos livros didáticos, mas como parte conectada ao restante do conteúdo. O estudo da religião é importante para a compreensão da economia e da política no Egito Antigo e na Idade Média, no entanto, professores de História têm a tendência a legar ao estudo da religião apenas “exótico de uma civilização” (LIA, 2012, p. 551).

Quadrinhos são uma excelente ferramenta para mostrar ao aluno sua proximidade da sociedade com a religião. Traços religiosos, símbolos e discursos são encontrados em diversos quadrinhos, mesmo naqueles que não parecem apresentar nenhuma ligação com a temática. A maioria dos livros de histórias em quadrinhos publicados pelo FNDE/PNBE são adaptações literárias nacionais e estrangeiras, em sua grande maioria, obras publicadas entre os séculos XV e XX e fruto de autores imergidos em sociedades bastante religiosas, como *Os Lusíadas*, de Luíz Vaz de Camões, publicada pela primeira vez em 1572 e que já ganhou algumas versões em quadrinhos, assim como outros clássicos como *A Divina Comédia*, escrita no início do século XIV pelo italiano Dante Alighieri ou *Macbeth* (1603 – 1607) do dramaturgo inglês William Shakespeare.

A imagem dos quadrinhos criada pelo aluno ou professor, pode apresentar estereótipos que podem ser interpretados como signos ou símbolos de uma representação religiosa, por exemplo. Essa representação, muitas vezes grotesca ou pitoresca, é parcial em relação a como o aluno ou professor constroem o outro, no entanto, auxiliam na compreensão da visão que o desenhista em questão apresenta sobre determinado assunto. Ulpiano Meneses ressalta que “O campo de estudos da cultura visual (...), pode me muito beneficiar o historiador e enriquecer consideravelmente o conhecimento que ele deve produzir” (ULPIANO, 2003, p. 27). E é nesse ponto que encontramos suporte para esta proposta de modelo didático de ensino

de História das Religiões. Quadrinhos, como uma representação visual, pode enriquecer o conhecimento produzido por alunos e professores nas aulas de História das Religiões, auxiliando na compreensão do tema.

UM MÉTODO DE ENSINO

O objetivo final deste trabalho é apresentar um método de ensino-aprendizagem para uma ferramenta que, devido ao crescente mercado e interesse, tanto de educadores como governamental, tem progressivamente obtido mais espaço na sala de aula, mas que, nessa proposta, pretende abordar um tema relativamente novo: História das Religiões.

O número de publicações com metodologia de trabalho com revistas em quadrinhos no Brasil não pode ser considerado pequeno. Além das publicações tradicionais como revistas acadêmicas e livros de editoras universitárias, como já foi posto anteriormente, grandes editoras têm apostado neste mercado e não tem restringido suas publicações apenas as histórias em quadrinhos, mas também a escritores que abordam a temática.

O processo de ensino pode ser conceituado como a relação do professor e aluno que é caracterizada por um processo onde, o professor é responsável por produzir ou reproduzir uma série de atividades norteadas por um currículo (matérias) e repassar ao aluno. Sob a orientação deste professor o aluno deve atingir objetivos de forma progressiva. No entanto, estes objetivos só serão alcançados se o professor, em sua fase de planejamento tiver claro para si, quais são os objetivos, métodos e como será organizado todo este conteúdo.

Quando falamos em método, estamos abordando diretamente a relação que acontece entre o objetivo e o conteúdo. Isto é, o professor para alcançar determinados objetivos precisa traçar um mapa de ações que serão desenvolvidas. Neste caso em específico, o nosso conteúdo é a 'História das Religiões' e nosso meio são as 'Histórias em Quadrinhos'.

O método é a forma que usamos para atingir um objetivo, e o método exige planejamento, e isto pode ser traduzido em investigação e pesquisa científica. No entanto, o objetivo deste trabalho não é criar uma ferramenta com o objetivo de transformar professores de História em profissionais em arte sequencial ou especialistas em História das Religiões. Não é nosso objetivo que ao final da leitura deste trabalho professores queiram se tornar ilustradores ou cartunistas, mas, de verem

nesta arte uma possibilidade a mais das que já são recorrentes em livros que trabalham o ensino de História com o uso dos quadrinhos.

Libâneo, afirma que o “professor, ao dirigir e estimular o processo de ensino, (...) utiliza intencionalmente um conjunto de ações, passos, condições externas e procedimentos” (2013. p. 165), a isto damos o nome de métodos de ensino. No entanto, “produzir” um método não é simplesmente uma atividade mecânica com procedimentos desvinculados de concepções sociais e pedagógicas. Um método de produção de histórias em quadrinhos dentro da sala de aula não pode ser resumido ao formato da página, a distribuição dos balões com as falas ou da qualidade artística do desenho.

É necessário o professor ter em mente que o método tem como meta atingir os objetivos propostos, portanto, ele deve cumprir seu papel na discussão das relações sociais que se pretendem discutir, nas práticas humanas etc. O método irá propiciar, conforme expõe Libâneo “a descoberta das relações entre as coisas que se estudam” (2013. p. 166). O método consiste em ver o objeto do estudo, neste caso a História das Religiões, na sua relação com a prática social, por exemplo, para que a apropriação deste conhecimento não seja inócua, mas, tendo sua razão de ser pela ligação que faz com o cotidiano e com o objetivo da transformação social.

Percebe-se imediatamente que o método não pode estar dissociado do objetivo. O método, logo, para as diferentes abordagens que utilizaremos como atividades (método), temos que ter anteriormente claros, quais são os objetivos que pretendemos que nosso aluno atinja. Entendo que a educação contemporânea precisa visar que o processo de assimilação de conhecimentos e habilidades do aluno tem como objetivo ampliar sua compreensão da realidade social para que tornem-se partícipes das necessárias transformações compreendendo e refletindo sobre essas realidades.

Logo, não se trata apenas de desenhar histórias em quadrinhos ou de “falar” sobre religiões. Este trabalho não teria nenhum motivo de existir se seu objetivo se limitasse a produção de histórias em quadrinhos pelo simples prazer de produzi-las. Ou de desenhar pelo simples prazer, para alguns tortura, de desenhar. Não faz nenhum sentido que preconceitos e estereótipos religiosos sejam reforçados em sala de aula, antes, que eles sejam desmistificados e que o aluno (e o professor) possam na sua

busca e ampliação de conhecimento, encontrar as raízes dessas diferenças, da intolerância e do medo em relação ao outro.

Uma outra questão é a que um método necessita de alguma capacidade de assimilação por quem o usa. E aqui entra, entre outros, um motivo para a escolha de histórias em quadrinhos. Um professor pode até afirmar que não tem familiaridade com este tipo de material, mas certamente ele em algum momento de sua vida foi um leitor, ainda que mediano ou esporádico, de histórias em quadrinhos. A ideia de que um material que nunca foi usado para o ensino não serve, é ultrapassada. É necessário lembrar que no passado educadores enxergaram o cinema como uma arte pouco nobre para a educação e a TV e o vídeo game como inimigos da educação formal. Hoje, no entanto, são ferramentas utilizadas em centros de ensino de excelência, pois novas leituras de uma ferramenta possibilitaram novas aplicações.

Para um aluno, a leitura de quadrinhos é de assimilação fácil. Obviamente, cabe chamar atenção neste momento, que o professor precisa ficar atento ao material que escolhe e dispõe ao aluno. Existe ainda uma resistência em alguns professores em separar o que é material bom e material ruim, não pelo aspecto pedagógico, mas por simples preferência pessoal. Um exemplo clássico nos quadrinhos, é a resistência em relação às histórias de super-heróis. No entanto, a fantástica personagem Mafalda do cartunista argentino Quino, pode ser confusa para um aluno de 9º ano, se não for posta em seu contexto histórico de ditadura militar latina do século XX, e talvez, trabalhar preconceito e discriminação torne-se mais fácil para o professor e mais prazeroso para o aluno, com os X-Men.

Quanto ao método, ainda podemos afirmar que ele será definido pelo conteúdo. Então porque não usar a Bíblia ou o Alcorão para estudar a História das Religiões. Pelo motivo já exposto no capítulo anterior. Não se trata de ensino religioso, nosso objetivo não é que o aluno seja um conhecedor dos acordos religiosos ou de suas doutrinas. Uma série de métodos poderiam ser aplicados e que teriam resultados igualmente bons, isto é, atingiriam seus objetivos. No entanto, poucas ferramentas à disposição do ensino fornecem ao professor o *feedback*, ou a resposta que realimenta o transmissor (professor) com informações que podem levá-lo a melhor avaliar aquela atividade.

Alguns passos são no entanto necessários para que um método tenha sucesso na busca de seu objetivo. A prática docente de apenas “passar conteúdo” e “passar temas de casa” não faz mais nenhum sentido na educação. O professor antes das atividades precisa fazer a sua busca e ampliação de conhecimento da matéria. Ele não precisa ser um teólogo em conhecer a religião, mas é inaceitável que os estereótipos pejorativos de cristianismo ou judaísmo norteiem sua produção. É necessário ter a certeza de que não levará aos seus alunos uma matéria que nunca viram e portanto não possuem nenhuma afinidade. Colocar de forma clara em seu planejamento que se trata de uma atividade que faz parte da relação objetivos-conteúdos de sua disciplina, e que não se trata de uma atividade para “matar o tempo”.

É necessário também que seja possível traçar uma relação entre aquilo que o aluno produz e aprende em sala de aula com a prática. O objetivo de estudar a História das Religiões certamente não é criar uma hierarquia entre elas e apontar os pontos positivos e negativos para depois criar um *ranking* de qual a melhor e qual é a pior. Parece lógico isso, mas uma atividade desenvolvida em sala de aula não visando uma aplicação prática no cotidiano do aluno pode gerar esse tipo de análise e resultado. O conhecimento não pode ter como objetivo apenas a organização temporal de acontecimentos ou explicação de fatos, mas necessita levar o aluno a refletir para que seja um agente transformador nas relações sociais.

O professor pode facilitar essa assimilação quando ele provoca o aluno a criar vínculos entre aquilo que ele aprende e produz na sala de aula com sua vida fora da escola. Ao questionar um aluno não muçulmano sobre o que ele pensa sobre o Islã, ele provavelmente poderá dar uma descrição dos estereótipos divulgados pela grande mídia, e a sua produção visual (o desenho) será de um “homem-bomba”. Ou ainda, ao perguntar a um aluno católico como ele representaria um evangélico, e essa representação gráfica poderia ser um homem de terno com uma grande Bíblia embaixo do braço.

Seguindo a essas descrições, o aluno poderia então ser confrontado em ter de explicar, isto é, fundamentar porque representa dessa forma um indivíduo ligado a determinado credo religioso. E utilizando a sua produção gráfica – a história em quadrinhos – que seus conhecimentos são resultado de informações anteriores, que

nem sempre são corretas, mas que hoje servem para construir aquela imagem, o despertando a refletir sobre a necessidade de rever conceitos e adquirir novos conhecimentos.

O professor necessita participar ativamente das atividades com os alunos. Um educador não pode ser apenas um observador do que acontece em sala de aula, e posteriormente as atividades ser apenas o que atribui notas. O professor precisa ser aquele que irá não apenas esclarecer ao aluno qual o objetivo daquela atividade, partindo do princípio que para a maioria dos alunos desenhar é lazer e não aprendizado, e também da importância que é obter e ampliar o conhecimento a respeito de outros assuntos, mais uma vez, partindo do princípio que muitos alunos quando se fala em religião imaginam ser isto parte de uma outra disciplina.

O docente também precisa provocar o aluno para que ele possa enxergar na sua produção seu prévio conceito (pré-conceito) e lhe proporcionar os meios para que ele possa explicar, concluir e defender ou abandonar seu posicionamento. As questões do professor devem ter como objetivo o confronto de ideias e o estímulo para a solução de problemas que fujam do tradicional. Novos desafios para novos problemas.

No próximo capítulo serão apresentadas atividades que podem ser aplicadas e a partir dela serem desenvolvidas outras atividades.

COMO USAR OS QUADRINHOS NA SALA DE AULA: PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Foram propostas para o material paradidático 'Quadrinhos e Religião: cristianismo, islã e judaísmo nas histórias em quadrinhos', quatro atividades guias para aplicação do professor em sala de aula. Consideram-se atividades guias pelo fato de que, não apresentam um modelo fechado de atividade, mas um modelo aberto que pode ser adaptado ou expandido, pois apresenta 'objetivo' e 'conhecimento', isto é, a aplicação da informação adquirida pelo aluno em sala de aula é transformada em conhecimento e sua aplicabilidade no cotidiano.

A preocupação foi produzir e sugerir atividades que não tivessem como objetivo a simples assimilação de informações diretas, mas que podem não fazer nenhum sentido para o aluno fora do ambiente escolar ou mesmo da fora da aula de História. Para tanto, era necessário eleger alguns pontos que fossem significativos na explicação do que é estudar a História das Religiões.

Durante a pesquisa foi possível fazer o levantamento de uma série de conceitos que serviram como base para produzir estas atividades. São conceitos como Religião, divindade, História, estereótipo, construção, assimilação, representação etc. Estes conceitos estão presentes nas quatro atividades, eles se repetem em algumas delas mas ao mesmo tempo são apresentados sob diferentes focos, fazendo uso de diferentes linguagens, como o jornalismo sério e denunciante do jornalismo em quadrinhos ou do humor de cartunistas e chargistas, tendo como objetivo mostrar para o professor que fazer uso desta ferramenta, que o leque para trabalhar quadrinhos e religião é amplo e não restrito como aparentemente parece ser.

As atividades também não estão dissociadas do ensino em sala de aula. Não são atividades que podem ser realizadas como "tema de casa" por um professor que deseja apenas "preencher" espaços no seu plano de trabalho. Há uma necessidade de aplicação do docente em buscar compreender estes conceitos o que o leva a tarefa de pesquisa e produção de conhecimento como um historiador.

A primeira atividade foca-se no conceito Religião. Antes de fazer o aluno relacionar frases e conceitos que poderiam ser decorados para serem depois simplesmente marcados como sendo partes do conceito de Religião, o objetivo é

desconstruir os conceitos e pré-conceitos do aluno (e do professor) na construção de um conceito que tenha como objetivo não identificar um religião em específico, mas do significado do conceito. Nesta atividade solicita-se que o aluno produza um tira, que é um modelo de arte sequencial em que são expostas em linha três ou quatro quadrinhos, não constituindo uma história em quadrinhos mas um fragmento que explica-se por si só.

A tira escolhida para ilustrar esta atividade é do cartunista Laerte. O conceito clássico de Religião, que é o de “religar-se” a deidade, é claramente apresentado por Laerte em sua tira. Um homem busca por meios humanos e “racionais” entrar em contato com Deus.

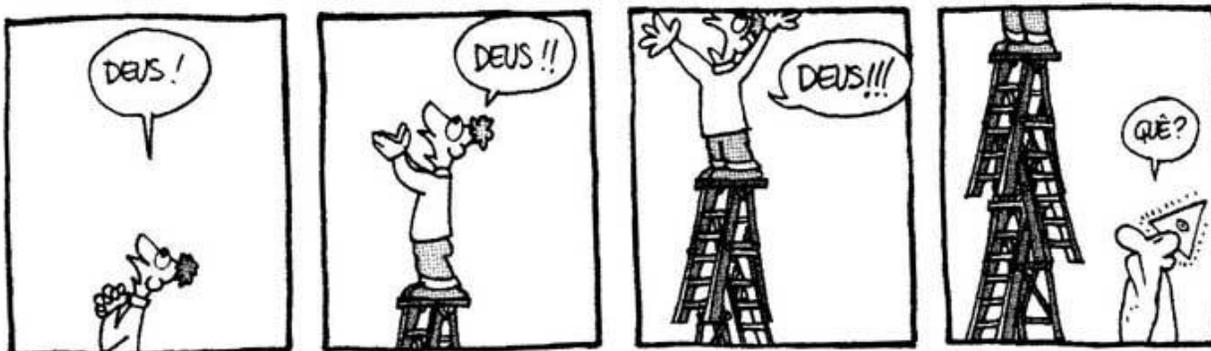


FIGURA 7 – Tira do Livro 'Deus segundo Laerte' (2002).

O objetivo é trazer ao conhecimento os conceitos e pré-conceitos construídos pela sociedade de o que é Religião. Que imagens e histórias não podem surgir desta atividade? Cenas de guerra, fome, fanatismo religioso etc. Esta primeira atividade encaminha bem a segunda atividade, intitulada “Estereótipos”.

A mídia, principalmente a TV, pela reprodução constante de imagens que são atribuídas a um determinado grupo ou cultura, e que contribuem enormemente para a construção coletiva de estereótipos destes grupos. Como a mídia ocidental apresenta o islã e o hinduísmo, por exemplo. Certamente a imagem construída pelo ocidente aproxima-se de que o islã é uma religião que persegue minorias religiosas e está eivada de intolerância, enquanto o milenar religião que tem origem na Índia mostra-se como pura, sincera e contra todo tipo de violência. As próprias relações feitas com

líderes dessas religiões são propositais, se de um lado mostra-se Osama Bin Laden, de outro mostra-se Mahatma Gandhi. No entanto, um professor de História aplicado, poderia apresentar ao aluno a grande e violenta perseguição que sofrem muçulmanos e budistas na Índia.

Esse tipo de construção pode e deve ser o alvo do educador em História. Ao solicitar ao aluno que desenhe um religioso, pela própria necessidade do cartum, o aluno produzirá uma representação repleta de símbolos ou acessórios que ajudaram o que observa a compreender aquela representação. Esta atividade é interessante pois, se pedirmos a um aluno que represente uma mulher evangélica, talvez a vejamos de cabelos compridos e uma bíblia embaixo do braço, mas se pedirmos ao mesmo aluno para que desenhe uma mulher católica, será que veremos o desenho de uma freira com hábito e crucifixo no pescoço?

A terceira atividade foca-se na observação. Sempre que observamos um filme, uma imagem, uma reportagem, ali estão também representadas religiões e conceitos religiosos. É o político corrupto denunciado que clama o nome de Deus para lhe fazer justiça, ou o jogador de futebol que agradece a Deus pelo gol que fez no último minuto de jogo. É o filme estadunidense que mostra o policial (sem religião aparente) que luta contra fanáticos muçulmanos que querem destruir a democracia e mundo livre ocidental ou a reportagem que apresenta a cena de índios em uma celebração religiosa como um evento primitivo ou arcaico e de relevância inferior a religiões complexas como o cristianismo ou judaísmo.

Na atividade é apresentada uma imagem do cartunista italiano Giacomo Cardelli, que fez ampla crítica a visita do papa Bento XVI a África durante seu papado. Em uma atividade como está é muito importante que a descrição seja minuciosa, não basta apenas dizer que é um padre e meninos. É preciso identificar a cor dos meninos etc. os símbolos envolvidos na cena, descrições como está tornarão a interpretação da imagem mais clara e torna-se mais possível verificar o quanto das informações adquiridas pelo aluno durante as aulas tornaram-se efetivamente conhecimento.

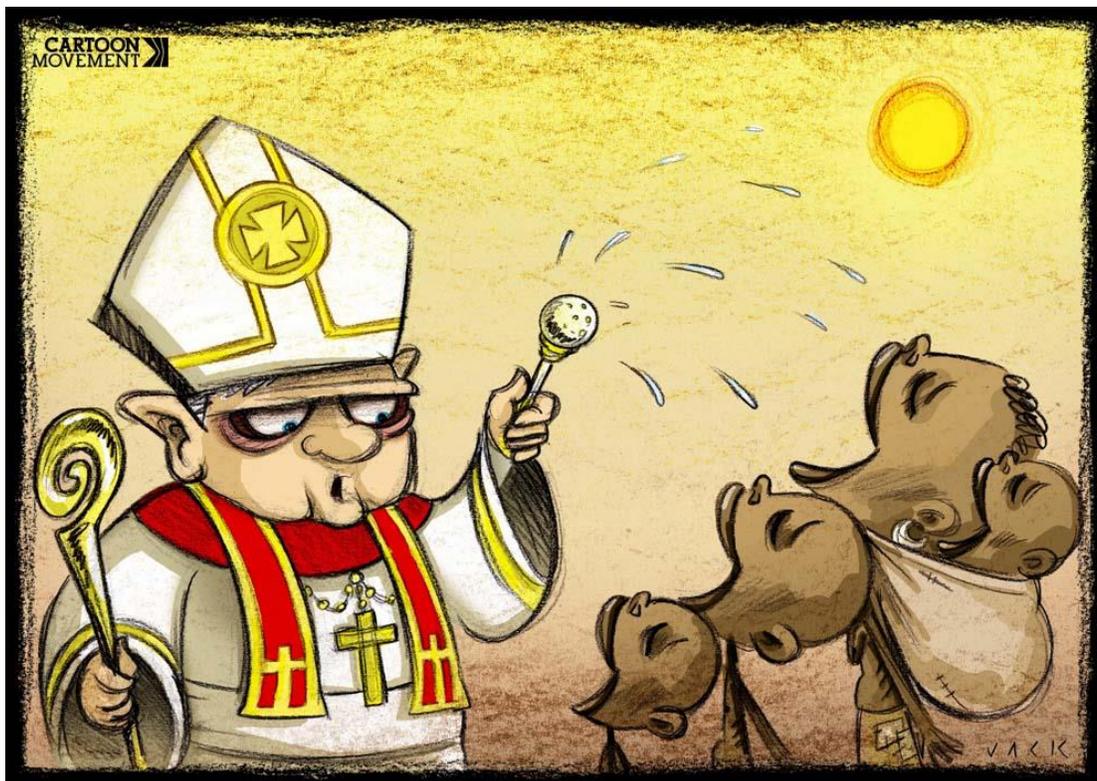


FIGURA 8 – The Pope in Africa, charge de Giacomo Cardelli para a Atividade 3.

Por fim, a última atividade proposta tem como objetivo provocar o aluno a construir seu texto dentro de imagens previamente propostas.

Para esta atividade buscamos na obra do jornalista e cartunista Joe Sacco sobre a ocupação de Israel dos territórios palestinos. A cena original apresenta uma velha senhora que ainda insiste em viver nos escombros de sua casa, destruída por tropas israelenses.

Na atividade são apagadas os quadros com textos e sugere-se que o aluno complete estes espaços. As imagens de Joe Sacco são expressivas, tanto personagens como cenários são ricos em detalhes e apresentam símbolos que podem ajudar o aluno a identificar a religião dos personagens, como o véu utilizado pelo velha senhora entrevistada por Sacco.



FIGURA 9 - Cena do livro 'Notas sobre Gaza' de Joe Sacco. Na atividade o diálogo dos balões é apagado para que aluno possa construir o seu próprio roteiro.

Como é possível observar, as atividades têm como objetivo apresentar alternativas e modelos de atividades a serem trabalhados pelo professor em sala, e não devem ser vistas como exercícios de fixação de conteúdo, mas de análise e crítica desses temas. Entende-se que atividades que levem o aluno a refletir sobre o tema estudado anteriormente e a construir cenários, personagens e histórias relacionadas a este tema, são mais relevantes para que o conteúdo ou a informação, sejam efetivamente transformados em conhecimento histórico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escrever sobre história em quadrinhos e seu uso na educação ou em sala de aula é sempre um desafio. Primeiro porque deseja-se trabalhar com uma ferramenta que é vista pelo aluno como entretenimento, e transportá-la para o ambiente educacional pode significar corromper isto na sua mente, isto é, de alguma forma, produzir aversão aquilo que ele tem prazer. Em parte, a responsabilidade disso recai sobre o professor, que muitas vezes decide pela utilização de ferramentas que não está acostumado ou familiarizado e que pode no final das contas tornar uma atividade prazerosa em algo enfadonho e estafante.

No entanto as histórias em quadrinhos aqui não são o fim, mas o meio para um outro tema. História das Religiões certamente não é um assunto presente nas aulas de História como deveria estar. Ainda que professores de História estejam dispostos a discutir temáticas religiosas na sala de aula, muitas vezes o que possuem são argumentos impregnados de alguns pré-conceitos e mostrando a religião como algo socialmente irrelevante ou apenas exótico. Trabalhar este tema conduz o professor a pensar nas capacidades desta ferramenta e como ela pode ser usada com um tema tão peculiar.

O autor, como leitor de quadrinhos e “aprendiz” de ilustrador e roteirista de HQs, sempre viu os quadrinhos como uma ferramenta multiuso para a sala de aula, e em seus anos de professor no ensino fundamental: quadrinhos, charges, ilustrações, historiográficos e desenhos animados sempre foram ferramentas das quais fez uso. Em uma linguagem mais acadêmica, quadrinhos são multidisciplinares. O uso do texto gráfico, aliado ao texto escrito e permeado pelo texto não escrito mas interpretativo da cena exposta em uma pequena série de quadros desenhados, ou mesmo de um único quadro, torna este objeto uma ferramenta de inúmeros usos. Como teólogo e historiador, o autor sempre questionou o distanciamento que a História parece desejar ter em relação a Religião. No entanto lhe parece difícil explicar inúmeros movimentos sociais e culturais sem compreender aspectos religiosos que transpassam tal sociedade.

Por algum motivo pouco educativo delegou-se por muitos anos o “ensino religioso” a padres, freiras e pastores em escolas públicas no Brasil. A ideia de que eles estavam ali para transmitir a religião da maioria dos brasileiros e seus valores morais e espirituais. E foi certo este afastamento das Ciências Humanas em relação a este tipo de doutrinação religiosa erroneamente realizada nas escolas brasileiras por décadas. Hoje no entanto, abriu-se espaço para o ensino de História das Religiões em sala de aula, um espaço que não é voltado para o teólogo cristão, ou para o padre, mas para o professor com formação acadêmica em História e que busca produzir conhecimento em História e não fazer proselitismo religioso.

A busca para tornar este material efetivo seria dentro das próprias escolas. A maior dificuldade que percebe-se em professores que desejam trabalhar com histórias em quadrinhos está no acesso ao material. Se por um lado há um boa quantidade de material teórico sendo produzido para professores de História e em Educação no geral, por outro não existiam produções voltadas para a escola. Quadrinhos em geral são caros, atendem a um nicho bastante específico, ou são crianças pequenas e seus gibis da

Turma da Mônica, ou são adolescentes e suas HQs de heróis Marvel ou as adultos e suas coleções de *Graphic Novells*. Em todos os casos, são grupos distintos de públicos e com um material de consumo relativamente caro.

Mas em 2006, nove anos após sua criação, o Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE) fez a primeira compra de histórias em quadrinhos para escolas públicas no Brasil. Foram 10 histórias em quadrinhos que abriram definitivamente não apenas as bibliotecas públicas para este tipo de material como também despertou na indústria dos quadrinhos no Brasil o interesse em participar desta fatia considerável de investimento público. Como dito antes, um mercado bastante restrito viu uma fonte que poderia tornar uma publicação com centenas de unidades em milhares de unidades vendidas, e com um selo que lhe daria ainda mais crédito, expedido pelo próprio Ministério da Educação.

Obviamente a busca por quadrinhos que tratassem diretamente da temática religião não foi fácil, e neste trabalho são citadas apenas cinco obras. No entanto, se buscássemos em todas as histórias em quadrinhos publicadas pelo governo federal em

seu programa de auxílio e incentivo à leitura nas bibliotecas públicas brasileiras, poderíamos encontrar um sem número de diálogos e ilustrações repletas de significados religiosos, como vê-se no livro, também publicado pelo PNBE, “Bando de Dois” de Danilo Beyruth, e que retrata o cangaço na primeira república em uma região do Brasil repleta de simbologia religiosa e misticismo.

Um novo ambiente de produção de quadrinhos gratuita é a Internet, que não citado durante o trabalho por não ser o seu objetivo. As *webcomics* são cada vez mais comuns e o Brasil tem sido um farto celeiro de excelente cartunistas e roteiristas e é possível encontrar muito material bom que pode ser usado com baixo ou nenhum custo em sala de aula.

Isto significa que apesar das dificuldades que podem surgir, a dificuldade financeira pode ser descartada ou no mínimo bastante reduzida e não pode ser considerada um empecilho para que histórias em quadrinhos sejam consideradas definitivamente uma ferramenta para uso em sala de aula. São de fácil acesso, são familiares ao público escolar e podem ser encontradas em bibliotecas públicas ou mesmo na internet.

Outro desafio e que levou a mudanças enquanto o trabalho era escrito e seu produto desenvolvido, foi a necessidade de explicar ao professor como se lê ou escreve quadrinhos, ou mesmo como se desenha. Percebe-se uma certa falta deste material nos livros encontrados sobre o uso de histórias em quadrinhos em sala de aula, sempre existem capítulos com explicação de como se ler e desenhar histórias em quadrinhos, mas nada que desperte a criatividade. Percebeu-se infrutífera essa tentativa na produção de um capítulo específico para desafio. Foi possível perceber que seria mais um capítulo de técnica de desenhos para alguém que não é desenhista ou cartunista, mas professor de História.

Esta situação foi possível após analisar a biografia de alguns cartunistas que não foram nem de longe bons desenhistas, como Charles Schulz, criador do personagem Charlie Brow e Snoop, e que era duramente criticado no início de sua carreira, mas que, apesar de um desenho pouco desenvolvido, como podemos ver em suas tiras do final da década de 1950, escreveu tiras como poucos, e que inspirou cartunistas como

Bill Watterson (criador de Calvin e Haroldo) e que talvez, juntamente com Watterson e Walt Kelly seja um dos maiores cartunistas da história dos quadrinhos.

No Brasil, uma das mais icônicas histórias em quadrinhos, as tiras “Cobras” (1975-1997), do cronista Luís Fernando Veríssimo, são um outro excelente exemplo, em 2004, participando da Festa Literária Internacional de Paraty (Flip), em uma mesa dividida com ninguém menos de Ziraldo, criador de personagens como Menino Maluquinho e a Turma do Pererê, Veríssimo declarou que: "Na época eu não sabia desenhar, mas fazer uma cobra é praticamente só o pescoço, não?"³³. No entanto, ainda que “não soubesse desenhar”, Veríssimo criou personagens e textos tão icônicos como os bem elaborados personagens de Ziraldo ou de Laerte, um excelente cartunista e roteirista de tiras e histórias em quadrinhos.

Assim, percebe-se que não são de aulas de desenhos que professores de História precisam, mas de algumas dicas de atividades que mostrem um caminho a se tomar. Como o diálogo que este autor teve com um professor de Sociologia. O professor usou uma charge onde mostrava um homem branco e gordo lavando um carro e um homem magro e negro que colhia a água suja em balde. Ele ficou impressionado que os alunos começaram a encontrar justificativa para aquilo como: “é necessário lavar o carro!”, “mas ele tá pegando a água mais limpa!”, “é só ferver e água fica boa!”. Enfim, sentiu-se desanimado com a atividade, pois os alunos não conseguiram fazer a leitura da imagem que ele deseja que fosse feita. Mas então vem a pergunta: Será que eles realmente sabem fazer a leitura de uma imagem? Conseguem ir além do pragmático, lavar o carro e ferver a água e ir para o subjetivo, o que essa imagem grotesca mostrando um homem colhendo água suja para beber enquanto outros a desperdiçam realmente significa?

Então não se tratava e não se trata de uma questão técnica trabalhar com histórias em quadrinhos em sala de aula. Não precisa o professor ser um cartunista, se ele for criativo e inteligente para contornar isso. Veríssimo percebeu que bastava desenhar “pescoços”, seu texto superava sua capacidade artística de diferenciar uma jiboia de uma cascavel. E foi assim que decidi que este capítulo seria desnecessário,

³³ <http://diversao.terra.com.br/artecultura/noticias/0,,O1341312-EI3615,00-Verissimo+diz+que+nunca+mais+desenhara+as+Cobras.html>

pois vi ele muito mais como algo que ou deixaria o professor em uma situação de apenas copiar a técnica, ou sentir-se frustrado por não conseguir reproduzi-la.

A preocupação durante este trabalho foi mostrar que histórias em quadrinhos não são um tipo de literatura ou que servem apenas para incentivo ao aluno para que ele busque uma tipo de leitura mais profunda. Não, pelo contrário, histórias em quadrinhos são histórias em quadrinhos, são uma arte por si só e não servem como caminho para outro tipo de leitura, pois elas podem tratar de assuntos tão profundos como um livro escrito de forma mais clássica.

Outra preocupação constante era de convencer o leitor e futuro usuário, que histórias em quadrinhos podem ser utilizadas como ferramenta para ensinar História das Religiões. Talvez tenha sido a tarefa mais difícil, em parte, porque dissociamos diferentes modelos de arte sequencial que comumente já são usadas por professores de História em sala de aula. Que professor nunca fez uso de filme ou desenho animado? Ou de uma notícia de jornal ou tira da Mafalda? Quantos livros didáticos ilustram atividades com charges e ilustrações das campanhas de guerras do século XX e constroem “historiográficos” para ilustrar um acontecimento. Estes, assim como as histórias em quadrinhos, também são modelos de arte sequencial, e se eles são usados quase que naturalmente por professores de História, porque não sugerir que seus alunos, ao invés de dissertarem um texto de 30 linhas, dissertem uma tira de 3 quadrinhos?

Certamente o texto não será mais pobre por que o tradicional foi trocado pelo “duvidoso”. Três quadrinhos podem ser fonte de múltiplos significados que o aluno talvez não tivesse a mesma capacidade, ou ainda, o professor não conseguisse enxergar em um texto tradicional, mas que poderia ser visto a olhos nus em uma “simples” mas significativa ilustração. Porque heróis não são negros? Porque os “acessórios” para descrever ou caracterizar alguns grupos são sempre aqueles que mais o depreciam?

Um outro ponto importante, é o fato de que o objetivo não é ver aqui religião como algo a ser pregado nas salas de aula, mas de ser um conhecimento a ser adquirido pelo aluno. Conhecer a História das Religiões não é o mesmo que ser catequizado em uma paróquia, por isto a preocupação em demonstrar que Histórias das

Religiões não é Ensino Religioso. E este já é um dos pré-conceitos e paradigmas a serem quebrados pelos docentes. Somos professores de História e portanto devemos ter uma preocupação com a formação do cidadão, seja ele ateu ou devoto de algum santo ou deus. Portanto, o professor não precisa ver Religião como uma ameaça a sua aula de História, mas como mais um tema predominante em nossa sociedade e que baseia a maioria das questões morais em nossa nação.

Por fim, o por trás de tudo existe o objetivo de que o aluno e o professor sejam produtores de suas próprias histórias em quadrinhos que retratem os conceitos e pré-conceitos de religião. Que o professor seja instigado a usar as histórias em quadrinhos, charges e ilustrações como forma de traduzir o pensamento, o utilizando como substituto, quando possível, ao texto escrito tradicional. Sugerindo discussões sobre Religião quem possam ser traduzidas em um texto desenhado. Não é um trabalho para esgotar o tema e tornar-se um referencial, mas um pequeno passo para uma interessante caminhada entre dois ricos temas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa*. Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. www.fnde.gov.br

CALAZANS, Flávio. *História em quadrinhos na escola*. São Paulo: Paulus, 2004.

CARDOSO, Ciro; MAUAD, Ana Maria. História e Imagem: os exemplos da fotografia e do cinema. In: CARDOSO, Ciro; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARTOON MOVEMENT. www.cartoonmovement.com

COUTINHO, José Pereira. *Religião e outros conceitos* In.: Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Vol. XXIV, 2012, pág. 171-193.

EISNER, Will. *Narrativas Gráficas*. São Paulo: Devir, 2005.

LAERTE, *Deus segundo Laerte*. São Paulo: Olho D'água, 2002.

_____. *Quadrinhos e arte seqüencial*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

LIA, Cristine. História das religiões e religiosidades: contribuições e novas abordagens. *AEDOS*. Porto Alegre. PPGH-UFRGS, n. 11 vol. 4 - Set. 2012.

LIA, Cristine; RADÜNZ, Roberto. Os monoteístas no mundo contemporâneo: judeus, cristãos e muçulmanos. *Revista Brasileira de História das Religiões*. Maringá. ANPUH, v. V, n.15, jan/2013.

LIA, Cristine; BALEM, Wellington. Os vivos, os mortos e os não nascidos: as religiões consideradas mortas e o ensino de história *Revista Latino-Americana de História*. PPGH-Unisinos, v. 2, n. 6, São Leopoldo, 2013.

LIBÂNIO. José Carlos. *Didática* São Paulo: Cortez, 2013.

MENESES, Ulpiano. Fontes visuais, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares. *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH, v. 23, n. 45, 2003.

RAMOS, Paulo. *A leitura dos quadrinhos*. São Paulo: Contexto, 2012.

_____. *Revolução do gibi: a nova cara dos quadrinhos no Brasil*. São Paulo: Devir, 2012.

RAMOS, Paulo; VERGUEIRO, Waldomiro. Os quadrinhos (oficialmente) na escola: dos PCN ao PNBE. In: RAMOS, Paulo; VERGUEIRO, Waldomiro (Orgs.). *Quadrinhos na Educação: da rejeição à prática*. São Paulo: Contexto, 2009.

SACCO, Joe. *Notas sobre Gaza*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SATRAPI, Marjane. *Persépolis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SOUZA, Maurício de. Menino de Ouro. *Chico Bento*. Barueri: Panini Comics Brasil, Nº 88. 2014.

SPIEGELMAN, Art. *Maus: a história de um sobrevivente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

VERGUEIRO, Waldomiro. Uso das HQs no ensino. In: RAMA, Ângela (Org.) *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2012.